



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE
AMBIENTAL E SAÚDE DO TRABALHADOR (PPGAT)**



ZELMA JOSÉ DOS SANTOS

**SAÚDE DO TRABALHADOR DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR: IMPLICAÇÕES
NO CONTEXTO DA PANDEMIA PELA COVID-19**

UBERLÂNDIA, MG

2023

ZELMA JOSÉ DOS SANTOS

**SAÚDE DO TRABALHADOR DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR: IMPLICAÇÕES
NO CONTEXTO DA PANDEMIA PELA COVID-19**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador da Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia (PPGAT), como requisito obrigatório para o Título de Mestre em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador.

Linha de Pesquisa: Saúde do Trabalhador

Mestranda: Zelma José dos Santos

Orientadora: Prof.^a Dra. Liliane Parreira Tannús Gontijo

UBERLÂNDIA, MG

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S237 2023	<p>Santos, Zelma José dos, 1966- Saúde do trabalhador docente do ensino superior: Implicações no contexto da pandemia pela covid-19 [recurso eletrônico] / Zelma José dos Santos. - 2023.</p> <p>Orientadora: Liliâne Parreira Tannús Gontijo. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.311 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Geografia médica. I. Gontijo, Liliâne Parreira Tannús, 1962-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 910.1:61</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Saúde Ambiental e Saúde do
 Trabalhador
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 3E, Sala 128 - Bairro Santa Monica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: 34-3239-4591 - www.ppgat.ig.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional PPGSAT				
Data:	23/06/2023	Hora de início:	10h:00	Hora de encerramento:	11h:30
Matrícula do Discente:	12012GST027				
Nome do Discente:	Zelma José dos Santos				
Título do Trabalho:	SAÚDE DO TRABALHADOR DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR: IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO DA PANDEMIA PELA COVID-19				
Área de concentração:	Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador				
Linha de pesquisa:	Saúde do Trabalhador				
Projeto de Pesquisa de vinculação:					

Reuniu-se em web conferência pela Plataforma Zoom, em conformidade com a PORTARIA Nº 36, DE 19 DE MARÇO DE 2020 da COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES, pela Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador, assim composta: Professores(as) Doutores(as): Prof(a). Dr(a). Marisa Aparecida Elias da Universidade Federal de Uberlândia; Prof(a). Dr(a). Larissa Guimarães Martins Abrão da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG); Prof. dr. Frank José Silveira Miranda da Universidade Federal de Uberlândia; e Prof(a). Dr(a). Liliane Parreira Tannús Gontijo da Universidade Federal de Uberlândia, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dr(a). Liliane Parreira Tannús apresentou a Comissão Examinadora a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu a Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

APROVADA

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Marisa Aparecida Elias, Professor(a) do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico**, em 26/06/2023, às 15:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Frank José Silveira Miranda, Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/06/2023, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Larissa Guimarães Martins Abrão, Usuário Externo**, em 27/06/2023, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Liliane Parreira Tannus Gontijo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/06/2023, às 17:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4596763** e o código CRC **0088F133**.

“Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos”.

Isaac Newton

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter permitido o cumprimento desse capítulo em minha vida com a ajuda da espiritualidade maior que me apoiou, guiou, orientou e inspirou.

Aos meus familiares, não só por entenderem minha ausência, mas por estarem sempre ao meu lado.

Ao meu querido filho, Plínio Santos Marini, que foi, é e sempre será meu orgulho. A você, meu amor inexorável.

Ao amigo Frank José Silveira Miranda, por ter me apresentado o programa PPGAT.

Aos meus colegas, e professores do mestrado, os quais, em sua maioria, não tive o privilégio de conhecer de forma presencial, devido ao momento único da pandemia pela Covid19. Fomos absolutamente guerreiras e guerreiro, nessa jornada, lutando juntos, sem nos conhecermos.

Aos meus colegas na profissão de educadores, por toda ajuda e parceria, principalmente no importante compromisso de educar e, muitas vezes, sendo pioneiros nas descobertas das diversas formas de aprender e ensinar em plena pandemia, e que direta ou indiretamente se dispuseram a participar desse estudo, compartilhando um pouco de suas experiências, seus sentimentos e percepções.

À minha orientadora, professora doutora Liliane Parreira Tannús Gontijo, pessoa querida, de presença forte, cuja empatia, carinho, e inspiradora coragem, me proporcionou essa luta.

E finalmente, aos membros da banca, pessoas as quais tive o privilégio de conhecer, Prof.^a Dr.^a. Marisa Aparecida Elias e Prof.^a. Dr.^a. Larissa Guimarães Martins Abrão, por dedicarem seu tempo e conhecimento, e dividirem comigo, trazendo amadurecimento e muitas reflexões, desde o projeto até a conclusão deste trabalho.

GRATIDÃO!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Convite <i>on-line</i> para solicitar participação na pesquisa.....	38
--	----

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1. Municípios participantes do estudo, segundo a região do Triângulo Norte no estado de Minas Gerais, 2021.....	30
Quadro 2. Instituições de Ensino Superior com cursos na área da saúde (e outras áreas), segundo a cidade sede, 2021.....	32
Quadro 3. Cidades e cursos da área da saúde (Instituições de Ensino Superior privadas), na modalidade presencial (ensino remoto), participantes do estudo, região do Triângulo Norte, Minas Gerais, 2021.....	34
Quadro 4. Formação e cursos aos quais os docentes participantes do estudo ministram aulas..	36
Tabela 1. Categorias, subcategorias e elementos de observação.....	41
Tabela 2. Caracterização demográfica e socioprofissional de docentes de Instituições de Ensino Superior do Triângulo do Norte, Minas Gerais (n=08).....	42

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BIREME	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COFIN	Comissão Intersetorial de Orçamento e Financiamento
DECS	Descritores em Ciências da Saúde
EAD	Educação a distância
EBSCO	<i>Elton B. Stephens Company</i>
EC	Emenda Constitucional
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IES	Instituição de Ensino Superior
GF	Grupo Focal
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados
LILACS	Literatura Latino-americana
MEC	Ministério da Educação
MEDLINE	Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica
MS	Ministério da Saúde
NASF	Núcleo de Apoio a Saúde da Família
OMS	Organização Mundial de Saúde
PALS	<i>American Heart Association Pediatric Advanced Life Support</i>
PNI	Programa Nacional de Imunização
PPGAT	Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador
PUBMED	Público Editora Medline
SMRT	Saúde Mental Relacionada ao Trabalho
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TDIC Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TICs Tecnologias de Informação e Comunicação
UFU Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

Introdução: Considerando o prolongamento das medidas restritivas de isolamento social, em função da pandemia da COVID-19, nos anos de 2020 e 2021, e a incorporação progressiva de metodologias de ensino digitais, ocorrendo a transição das modalidades presencial para a remota emergencial online, no contexto da educação superior, e, por conseguinte, as mudanças no trabalho docente, destacando-se: a premência em investimentos tecnológicos e condições de acesso digital (intelectual e financeiro); o uso de tecnologias digitais; o desenvolvimento de novas habilidades; sobrecarga de trabalho; exigências institucionais com ênfase na produtividade; e uso de espaço comum para as atividades profissional e familiar, para além da reclusão e a privação do convívio social, tornou-se premente investigar se essas condições promoveram implicações na saúde desses profissionais. **Objetivo:** Compreender e avaliar a percepção docente sobre possíveis implicações em seu estado de saúde (física, emocional e psicológica), frente a mudança no método de ensino, do presencial para o remoto emergencial, durante a pandemia/isolamento pela COVID-19, vinculados as Instituições de Ensino Superior (IES) privadas, com cursos na área da saúde, estabelecidas na região do Triângulo Norte, Minas Gerais, Brasil. **Metodologia:** Abordagem qualitativa, mediante análise de discurso. Utilizou-se a técnica do Grupo Focal (GF) e, adicionalmente, aplicou-se um questionário socioprofissional e demográfico. A população alvo do estudo foi de docentes, de cursos de graduação da área da saúde, no formato presencial (e remoto emergencial), de IES privadas, dentre eles: medicina, odontologia, medicina veterinária, enfermagem e fisioterapia. A amostra do referido GF foi intencional e composta por 8 (oito) docentes. **Resultados:** A maioria dos docentes eram mulheres, casadas, com idades variando entre 30 e 59 anos de idade, sem filhos, com mais de 10 anos da graduação e com titulação de mestre. 100% dos docentes estavam sob regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e a maioria trabalha até 20h semanais com a docência. 50% exercia outra atividade remunerada, além das aulas e a maioria tem participação preponderante na vida econômica da família. Observou-se alteração na rotina dos docentes, incluindo aumento da carga de trabalho. A maioria dos docentes afirmou ter recebido cursos e treinamentos, por parte das IES, para preparação das aulas remotas. No que tange aos medos e receios percebidos no período pandêmico, relatou-se, principalmente, o temor de perder o emprego. Em relação à saúde, os docentes citaram aumento da inatividade física, má qualidade do sono, aumento do uso de álcool e prejuízos na saúde mental. **Considerações Finais:** Nesse cenário de pandemia/isolamento, o docente teve que ressignificar seus conhecimentos e seu processo de trabalho, para além da reclusão, frente a eminência do adoecimento pela COVID-19 e a privação do convívio social, sendo que referente ao

adoecimento docente, podemos afirmar que houveram prejuízos na saúde física e mental frente à situação e o tipo de trabalho que cresceu e demandou novas habilidades, respectivamente. Novas pesquisas fazem-se necessário buscando estimular e fortalecer subsídios para políticas públicas, que objetivem melhora da qualidade de vida no trabalho do docente.

Palavras-chave: Docentes; Instituições de Ensino Superior; COVID-19; Saúde do Trabalhador.

ABSTRACT

Introduction: Considering the extension of restrictive measures of social isolation, due to the COVID-19 pandemic, in the years 2020 and 2021, and the progressive incorporation of digital teaching methodologies, with the transition from face-to-face modalities to online emergency remote, in the context of higher education, and, consequently, changes in teaching work, highlighting: the urgency in technological investments and digital access conditions (intellectual and financial); the use of digital technologies; the development of new skills; work overload; tolerant demands with pressure on productivity; and use of common space for professional and family activities, in addition to seclusion and deprivation of social life, it became urgent to investigate whether these conditions promoted instruction in the health of these professionals. **Objective:** To understand and evaluate the teaching perception of potential executives in their state of health (physical, emotional and psychological), in view of the change in the teaching method, from face-to-face to remote emergency, during the pandemic/isolation by COVID-19, linked private Higher Education Institutions (HEIs), with courses in the health area, restricted to the North Triangle region, Minas Gerais, Brazil. **Methodology:** Qualitative approach, through discourse analysis. The Focus Group (GF) technique was used and, additionally, a socio-professional and demographic conversation was applied. The target population of the study was professors, undergraduate courses in the health area, in the face-to-face format (and emergency remote), from private HEIs, among them: medicine, dentistry, veterinary medicine, nursing and physiotherapy. The sample of the referred FG was intentional and composed of 8 (eight) professors. **Results:** Most professors were women, married, aged between 30 and 59 years old, without children, with more than 10 years since graduation and with a master's degree. 100% of the teachers were under the Consolidation of Labor Laws (CLT) regime and most worked up to 20 hours a week with teaching. 50% had another remunerated activity, in addition to classes and the majority have a preponderant participation in the economic life of the family. Note the change in the teachers' routine, including the increased workload. Most professors claimed to have received courses and training from HEIs to prepare for remote classes. With regard to fears and receipts perceived in the pandemic period, the fear of losing one's job was mainly reported. Regarding health, professors mentioned increased physical inactivity, poor sleep quality, increased alcohol use and mental health impairments. **Conclusions:** In this pandemic/isolation scenario, teachers had to reframe their knowledge and their work process, in addition to seclusion, in view of the imminence of illness due to COVID-19 and the deprivation of social interaction, with reference to the illness of teachers. We can say that there were losses in physical and mental health due to the situation

and the type of work that grew and required new skills, respectively. New research is needed to seek to stimulate and strengthen public policies that aim to improve the quality of life at work for teachers.

Keywords: Teachers; Higher education institutions; COVID-19; Worker's health.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1. INTRODUÇÃO	12
2. PROBLEMA	20
3. PRESSUPOSTO	21
4. OBJETIVOS	21
4.1. Geral	21
4.2. Específicos	22
5. REVISÃO DA LITERATURA	22
5.1. Pandemia/isolamento pela COVID-19	22
5.2. Trabalho docente no ensino superior privado	23
5.3. Saúde do trabalhador docente	26
6. METODOLOGIA	28
6.1 Ética e protocolo	28
6.2 Tipo de estudo	28
6.3 Local de estudo	30
6.4 Participantes do estudo	35
6.5 Métodos e instrumentos de coleta de dados	37
6.5.1 Questionário	38
6.5.2 Grupo Focal	38
6.6 Fontes de estudo	39
6.7 Critérios de inclusão e exclusão	39
6.8. Riscos e benefícios	39
6.9. Metodologia de análise de dados	40
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
7.1. Perfil socioprofissional e demográfico dos docentes participantes do estudo	42
7.2 Percepção docente sobre as práticas educacionais durante a pandemia da COVID-19 e implicações sobre sua saúde	45
7.2.1. Vida profissional	45
7.2.1.1. Rotina de trabalho	45
7.2.1.2. Preparação docente para aulas remotas	47
7.2.1.3. Mudanças nas demandas de trabalho docente com a chegada da pandemia	50
7.2.1.4. Dificuldades e medos com as aulas remotas	52

7.2.2. Saúde.....	56
7.2.2.1. Descreva sua saúde	57
7.2.2.2. Uso de álcool/cigarro	58
7.2.2.3. Saúde mental docente.....	59
7.2.3. Lazer/Sono.....	60
7.2.3.1 Atividade física e lazer	60
7.2.3.2. Sono.....	62
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS	65
ANEXOS E APÊNDICES.....	77
ANEXO A – APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	77
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	78
APÊNDICE B – CARTA CONVITE.....	79
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E ROTEIRO DE ENTREVISTA GRUPO FOCAL.....	81
APÊNDICE D – CONSOLIDADO DOS DEPOIMENTOS DO GRUPO FOCAL, AGRUPADOS EM CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS.	85

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação de mestrado é resultado da concretização de um projeto de pesquisa, sobre a saúde de docentes do ensino superior privado, uma das áreas em que atuei, em plena pandemia pela COVID-19 e permaneço até os dias atuais.

A escolha de um tema de estudo não é neutra; assim, como não é neutra nenhuma ação humana (ELIAS, 2014), então, não por coincidência, minha trajetória profissional está inserida nessa realidade da docência de uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada, desde 2010, quando iniciei a carreira de docente, e expressa a escolha do tema dessa dissertação. As marcas deixadas pelo vivido no espaço do trabalho produzem o questionamento tanto a respeito das condições em que a atividade é realizada, quanto seus efeitos na saúde física e mental. Desta forma, o presente estudo se desenvolveu a partir das condições concretas de existência de quem o realizou.

O interesse em estudar a relação trabalho e saúde se deu pela minha vinculação com perícia médica relacionada ao trabalho, como perita da Justiça Federal e posteriormente, para a Justiça do Trabalho; e o enriquecimento com o tema sobre trabalho docente e possível adoecimento desse profissional, se deu devido minha vinculação a um Centro Universitário privado, onde as queixas giravam em torno da atividade laboral, das condições de trabalho e as relações com os colegas. Instigada por isto, ingressei no mestrado para investigar a relação trabalho e saúde de profissionais docentes da área da saúde, e assim, avaliar as possíveis consequências das condições precárias de trabalho sobre a saúde destes profissionais, e aconteceu que, nesse mesmo momento, coincidentemente iniciou a pandemia pela COVID-19, e mais do que nunca, vi e senti o esgotamento físico e mental, que já existiam, serem exacerbados por essa nova realidade mundial.

Tenho vinte e oito anos de graduada em medicina, e, desde então, inserida no SUS. Desta forma, tenho uma incorporação compartilhada entre a assistência e o ensino na saúde, sendo 16 (dezesesseis) anos construídos, basicamente, na assistência, e 12 (doze) anos associados ao ensino, como docente. Então, estudar sobre o que faço em meu dia a dia, foi desafiador, pois estou duplamente envolvida, como pesquisadora e como sujeito identificado no conteúdo deste trabalho, associado a isso o medo causado pelo desafio da pandemia fez com que a necessidade de ressignificar, refletir e repensar a prática do dia a dia fosse sentida com mais intensidade e foi essa experiência que motivou minha aprendizagem e transformação pessoal e profissional e a capacidade de construir uma pesquisa acerca do tema.

Neste período pandêmico, as instituições de ensino incorporaram novas estratégias para cumprimento do ano letivo e seu corpo docente teve que adaptar formas de realizar o ensino remoto emergencial, buscando minimizar o prejuízo no ensino e a interrupção das atividades educacionais. Esse profissional precisou aprender, se apropriar e dominar ferramentas *on-line* de ensino remoto, e aceitar, de maneira instantânea, novas atribuições para além do processo ensino-aprendizagem. É provável, então, que a pandemia pela COVID-19 tenha repercutido no controle e autonomia do trabalho docente, e isso pode ter afetado profundamente a identidade do professor, forçando-o a executar novos encargos, gerando ainda mais sobrecargas. E não foi diferente para mim, como docente e como mestranda. A pandemia chegou junto com o início do mestrado, no ano de 2020 e trouxe novos significados na arte de aprender e ensinar. Devido ao fato, houve atraso no cronograma previsto, havendo necessidade de ajustes para a conclusão deste, porém, de certa forma, contribuiu para importantes reflexões e riqueza de pesquisa sobre o tema abordado, que contempla essa Dissertação de Mestrado, que versa sobre um olhar para a saúde dos docentes, em especial os da área da saúde, em IES privadas, analisando a relação do prolongamento das medidas restritivas de isolamento, o uso dos recursos metodológicos remotos, os novos investimentos tecnológicos, o aumento e adaptabilidade a sobrecarga de trabalho (*full time*) e o desenvolvimento de novas habilidades, em contraponto com a saúde física, emocional e psicológica desses profissionais.

Minha pesquisa é de abordagem qualitativa, transversal, com amostragem não probabilística, com base em análise de discurso, e desenvolveu-se mediante a técnica de Grupo Focal e a aplicação de um questionário socioprofissional e demográfico, que aconteceram de forma remota via online (devido a pandemia).

1. INTRODUÇÃO

O ano de 2020, com história sem precedentes, foi abalado pela ação de um vírus, o SARS-CoV-2, que acarretou a instalação da pandemia em vários países, mudando a rotina de milhares de habitantes em todo o mundo.

De forma precisa, ao final do ano de 2019, a população mundial foi impactada com o surgimento de um vírus que trouxe a pandemia ao mundo. Em 30 de janeiro de 2020, o diretor-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou o surto de síndrome respiratória aguda grave COVID-19 como sendo uma Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional. A declaração é o nível mais alto de alarme da OMS – um apelo a todos os países para que tomassem conhecimento imediato e todas as medidas necessárias, devido disseminação da COVID-19, atingindo números exorbitantes em poucos meses e grandes proporções desde 2019 até os dias atuais (FUKUTI *et al.*, 2020).

No Brasil, o primeiro caso da doença foi confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo – SP. O paciente, um homem de 61 anos, apresentava histórico de viagem para a Itália, região previamente afetada. Desde então, o país vem tomando medidas para controlar a disseminação do vírus, presente em 26 Estados e no Distrito Federal (BRASIL, 2020).

O termo ‘pandemia’, conforme definição da OMS (WHO, 2020) indica que uma epidemia se espalhou para dois ou mais continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa e acarreta risco mundial, com impactos na sobrevivência da população e importantes reflexos na economia, além de impor significativas mudanças na vida social e ocasionar aumento de mortes e da pobreza.

Em todo o mundo, os níveis de casos confirmados e mortes pela COVID-19, em 2021 quase dobraram chegando perto de alcançar o mais alto índice de novas notificações desde o início da pandemia, há mais de dois anos. Globalmente, até 08 de fevereiro de 2023, foram mais de 600 milhões de casos confirmados de COVID-19, incluindo 6,85 milhões de mortes no mundo, notificados à OMS (OUR WORLD IN DATA, 2023a). Por sua vez, no Brasil, na mesma data, foram quase 37 milhões de casos confirmados, com aproximadamente 700 mil mortes (DATASUS, 2023).

As vacinas foram e são uma ferramenta crítica na batalha contra a COVID-19. Desde abril de 2020, cientistas, financiadores e fabricantes, iniciaram um trabalho em conjunto para

desenvolver uma vacina contra a COVID-19. O ano de 2021 inicia com o lançamento das vacinas contra a COVID-19 - um feito extraordinário (OPAS, 2021). Em 30 de dezembro de 2020 a OMS emitiu sua primeira validação de uso emergencial para uma vacina COVID-19 e enfatizou a necessidade de acesso global equitativo. O Grupo Consultivo Estratégico de Peritos em Imunização (SAGE) da OMS, em janeiro de 2021, se reuniu para revisar os dados da vacina Pfizer/BioNTech e formular recomendações de políticas sobre a melhor forma de usá-la. A vacina foi a primeira a receber uma validação de uso emergencial da OMS para eficácia contra a COVID-19. De acordo com a SAGE, a vacina Pfizer-BioNTech COVID-19 mRNA é segura e eficaz. É verdade que as vacinas contra a COVID-19 foram desenvolvidas em uma velocidade sem precedentes; mas os estudos comprovam a eficácia e a segurança de diferentes tipos de vacina, desenvolvidas a partir de tecnologias que já existiam e de novas tecnologias, que representam inovações importantes para o futuro tratamento de várias doenças. Apesar das diferentes abordagens, todas as vacinas têm por objetivo induzir a resposta imunológica do organismo, fazendo com que este produza defesas contra o vírus da COVID-19. A prioridade, no início de 2021, era iniciar a vacinação dos profissionais de saúde com alto risco de exposição, seguidos pelos idosos (pessoas com 65 anos ou mais), antes de imunizar o restante da população. Um momento histórico e heroico, que não trouxe paz e nem satisfação para uma parcela da população mundial e brasileira, levantado pela bandeira do negacionismo. Negacionismo é recusar e negar uma realidade cientificamente comprovada – o método científico, é bom lembrar, é baseado em fatos e evidências. Se não bastasse um vírus que já fez milhões de vítimas, ainda é preciso enfrentar uma onda forte de negacionismo da ciência. Adeptos da desinformação tentaram boicotar a vacinação e contrariaram o isolamento social e o uso de máscaras, fortemente recomendados pela comunidade médica. Infelizmente, essa realidade não é novidade; em 2019, a OMS divulgou uma lista das 10 grandes ameaças à saúde e, entre elas, estava o medo e a desinformação sobre as vacinas. Para piorar, em meio à grande crise sanitária atual, grupos contrários à imunização encontram um ambiente ainda mais fértil para disseminar suas ideias negacionistas.

Apesar desse fato, segundo a OMS, existem por volta de 200 vacinas contra a COVID-19 em estudo, sendo que mais de 90 destas já chegaram à fase de experimentação em humanos (estudos clínicos) e 14 imunizantes estão aprovados ao redor do mundo. Em nosso país, estão registradas definitivamente as vacinas AstraZeneca/Oxford (vetor viral) e Pfizer BioNTech (RNA). As vacinas Janssen (vetores de adenovírus) e CoronaVac (vírus inativado) foram

aprovadas para uso emergencial. Já a Sputnik V (vetor viral) e a Covaxin (vírus instigado) foram autorizadas para importação excepcional. Novas regulamentações ainda estão em trânsito na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA).

Segundo a plataforma *Our World in Data*, mantida pelo departamento de estatísticas da Universidade de Oxford, 69,4% da população mundial recebeu pelo menos uma dose da vacina contra a COVID-19, sendo que 13,27 bilhões de doses já foram administradas em todo o mundo (OUR WORLD IN DATA, 2023b). Apesar de as populações vulneráveis em todos os países serem a maior prioridade para a vacinação (OPAS, 2021), apenas 26,4% das pessoas residentes em países em desenvolvimento receberam pelo menos uma dose da vacina (OUR WORLD IN DATA, 2023b).

Os países devem continuar trabalhando para vacinar pelo menos 70% de suas populações, priorizando a vacinação de todos os profissionais de saúde e 100% dos grupos mais vulneráveis, incluindo pessoas com mais de 60 anos de idade e imunocomprometidos ou com doenças subjacentes a condições saudáveis.

A COVID-19 infecta as pessoas quando elas se reúnem. Ao longo dos meses do ano de 2020 até os dias atuais, vimos uma grande quantidade de “cepas” chamadas variantes, do mesmo vírus. Inicialmente identificadas por nomes científicos como P.1 e B.1.351, entre outros, as variantes do novo coronavírus ganharam uma nomenclatura diferente, dada pela OMS que começou a usar as letras do alfabeto grego para nomeá-las, facilitando a distinção. A Delta foi a mais dominante, até o momento. A variante BA.5, da Ômicron, tem sido a dominante desde 2022 em nosso país. Entretanto, cientistas têm alertado para o crescimento da contaminação pela linhagem XBB, o que pode provocar uma possível mudança no domínio das subvariantes Ômicron

Imprescindível se faz, nesse momento, falar sobre a relevância do Sistema de Saúde no Brasil, durante a pandemia da COVID-19. Um dos maiores sistemas de saúde pública do mundo, o Sistema Único de Saúde (SUS) teve participação destacada na assistência à população brasileira em todo o transcurso da pandemia da COVID-19. Também foi a única opção para a maior parte da população brasileira.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sete em cada dez brasileiros, ou mais de 150 milhões de pessoas, dependem exclusivamente do SUS para atendimento à saúde. O sistema, nesses últimos três anos, foi colocado à prova diante de uma crise sanitária sem precedentes. Desde o seu início, o SUS tem tido dificuldades de

financiamento. As mazelas, remetem, principalmente, ao contingenciamento de recursos. De acordo com Conselho Nacional de Saúde (CNS), a Emenda Constitucional (EC) 95, conhecida como EC do Teto dos Gastos Públicos, proposta pelo Governo Federal e aprovada no Congresso Nacional, congelou os investimentos em Saúde por duas décadas, ou seja, até 2036. Com a regra, o Brasil chegou em 2021 com o orçamento abaixo do estimado, ainda mais diante da pandemia, momento em que são necessários mais recursos. Os dados são da Comissão Intersetorial de Orçamento e Financiamento (COFIN) do CNS mostram que o prejuízo para a Saúde ao longo de todo o período de vigência da EC é de R\$400 bilhões.

O SUS completou em setembro de 2022, 32 anos de existência, e é um dos marcos da Constituição brasileira de 1988. O sistema democratizou o acesso à assistência à saúde, independentemente de origem, histórico ou condição financeira e, apesar de todas as adversidades, é mundialmente reconhecido pela excelência em vários programas de saúde, como o Programa Nacional de Imunização (PNI), por sinal bem testado e avaliado durante a pandemia, em detrimento ao negacionismo e campanhas antivacinas.

Segundo Saviani e Galvão (2021), a história da pandemia da COVID-19 no Brasil poderia ter sido diferente, uma vez que nosso país foi um dos últimos países a ser atingido e dispunha de um dos maiores sistemas de saúde pública do mundo. Porém, segundo as autoras, o SUS deveria ter tido um reforço ao orçamento, visando o investimento de recursos em função da crise sanitária. Com um enfrentamento ordenado, o Brasil poderia ter se tornado um exemplo mundial.

Em território brasileiro, as medidas sanitárias de isolamento social ocorreram de forma heterogênea, tendo sido principalmente marcadas por iniciativas privadas dos estados e municípios, uma vez que não houve a implementação efetiva de uma política federal (SOUZA *et al.*, 2021, SAVIANI; GALVÃO, 2021).

Por meio da Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde (MS) declarou Emergência em Saúde Pública de importância Nacional, frente à infecção humana pela COVID-19. Devido à presente situação de pandemia, os países com casos registrados de contaminação pela COVID-19 adotaram medidas com o objetivo de diminuir e/ou impedir a propagação da contaminação pela população. Dentre as medidas tomadas pelas autoridades estão o distanciamento social, quarentenas, campanhas, expansão de leitos de terapia intensiva, paralisação de atividades em locais com grande circulação e aglomeração de pessoas e demais

ações para coibir e/ou conter a pandemia (BRASIL, 2020; SILVA, 2020; RAFAEL *et al.*, 2020).

A partir desta data, várias providências foram tomadas pelos Estados e Municípios com vistas ao enfrentamento da pandemia da COVID-19, que já assolava o Brasil e o mundo. Dos diversos ambientes paralisados, encontravam-se os ambientes escolares de ensino e educação, pois são locais de grande concentração, confinamento dos estudantes e circulação de pessoas de diversas faixas etárias e níveis sociais. A pandemia ocasionada pela COVID-19 e as medidas adotadas nos sistemas escolares do mundo todo resultaram em suspensões das aulas, que passaram a ser por plataformas virtuais, as ditas aulas remotas emergenciais (ALVES, 2020).

No intuito de se adequarem as mudanças e medidas implementadas, as escolas passaram a oferecer aos seus alunos atividades de forma remota, intermediada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), por meio das plataformas virtuais de educação a distância. No âmbito da educação superior, o Ministério da Educação (MEC) se manifestou em 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343, autorizando a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais pelo período de 30 dias. Esta Portaria foi alterada pelas Portarias nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 395, de 15 de abril de 2020, esta última prorrogando o prazo por mais 30 dias.

Em 1º de abril de 2020, por meio da Medida Provisória nº 934, o Governo Federal estabeleceu normas excepcionais para o ano letivo da educação básica e do ensino superior, considerando o avanço da pandemia da COVID-19. E em 28 de abril de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou o Parecer CNE/CP nº 05, tratando a reorganização do calendário escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual em razão da pandemia da COVID-19. Em 12 de maio de 2020, por meio da Portaria nº 473, o MEC altera novamente a Portaria 343/2020, prorrogando por mais 30 dias o prazo para substituição das atividades presenciais por atividades em meios digitais. Com o avanço da pandemia da COVID-19, de proporções imprevisíveis, em 16 de junho de 2020, por meio da Portaria nº 544, o MEC revoga as Portarias nºs 343, 345 e 473, estendendo até 31 de dezembro de 2020 a autorização excepcional para substituição das disciplinas presenciais por atividades letivas com o uso de recursos educacionais digitais, tecnologias da informação e comunicação ou outros meios convencionais.

Por fim, o Congresso Nacional aprovou em 18 de agosto de 2020 a Lei nº 14.040, estabelecendo normas excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública

reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6/2020, em especial sobre o ensino superior (BRASIL, 2020).

As instituições de nível superior criaram estratégias de ensino no período pandêmico e seu corpo docente/discente teve que adaptar, agilmente, formas de realizar o ensino remoto emergencial, buscando minimizar o prejuízo no ensino e a interrupção das atividades educacionais. Ao docente, de maneira instantânea, foram delegadas novas atribuições para além do processo ensino-aprendizagem. Esse profissional precisou aprender, se apropriar e dominar ferramentas *on-line* de ensino remoto, atrair a atenção dos discentes que também passavam por um período de incertezas, adaptar a rotina de trabalho para o ambiente doméstico, estar disponível para participar de conferências virtuais em horários nem sempre compatíveis com o de trabalho presencial (SILVA *et al.*, 2020; PONTES; ROSTAS, 2020).

A atividade docente, tradicionalmente, traz em seu bojo diversas responsabilidades, tais como o compromisso de promover a formação de seus alunos para que possam atuar na sociedade onde convive e contribuir para a solução de problemas sociais, quaisquer que sejam as suas dimensões, sendo isso, por si só, um fator estressante (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

A adoção de restrições e isolamento social devido à pandemia pela COVID-19, acarretou no aumento da carga de estresse, que comumente já acomete os docentes, o que pode ser explicado pelos sentimentos provocados pelo medo da morte iminente, que, conseqüentemente, causam ansiedade, insônia, negação, raiva, que podem trazer danos à saúde mental dos profissionais da educação (TORALES *et al.*, 2020).

Nesse cenário, esse trabalhador se viu cercado pelo medo da perda do emprego, a obrigação de ressignificar seus conhecimentos, o aumento da carga de trabalho, a reclusão e a privação do convívio social. Ademais, é observada ampliação das exigências, advindas das instituições de ensino, com ênfase na produtividade. Em decorrência, verificou-se acréscimo do volume de trabalho, do tempo dispendido no planejamento e preparação das aulas e na disponibilidade ininterrupta para atendimento de alunos, mediante acesso facilitado em diferentes meios de comunicação *on-line*. Essa força de trabalho que funciona 24 horas por dia, durante 07 dias por semana, tem ilusão de maior liberdade, no entanto, exige-se maior capacidade de vigilância, uma vez que tudo pode ser gravado, arquivado e publicado (CRARY, 2016).

Imprescindível falar então da falta de valorização do trabalho docente, tanto no aspecto social quanto financeiro, gerando uma profunda crise de identidade e queda da satisfação com

o trabalho desempenhado, favorecendo a instauração do mal-estar docente e distúrbios patológicos. Isso torna evidente que o ambiente em que se inserem os professores universitários, assim como tem ocorrido com tantas outras classes de trabalhadores, torna-os mais propensos ao adoecimento mental relacionado aos reflexos do isolamento social, decorrente da pandemia da COVID-19, tanto pelas informações de morbimortalidade veiculadas pela mídia, quanto pelo ambiente doméstico que foi, além do *locus* da vida conjugal, doméstica e no caso das mulheres, materna, também ambiente de trabalho (SILVA *et al.*, 2020; PONTES; ROSTAS, 2020).

Tais mudanças drásticas acarretaram frustrações nos professores por não estarem preparados para enfrentá-las e/ou adequar-se à imposição destas novas rotinas, tendo que utilizar diversas estratégias para ensinar por meio de uma nova ferramenta, e precisaram atentar-se para questões que não eram, ou são, da sua atribuição. Observa-se também que alguns transtornos e doenças relacionadas ao contexto trabalhista possuem determinações diretas em virtude dos novos formatos e constituições do mundo do trabalho, impactadas por modelos de gestão que exigem mudanças e acarretam pressões constantes por padrões de eficiência na atuação dos profissionais da educação (MOREIRA; RODRIGUES, 2018).

É provável, então, que a pandemia pela COVID-19 tenha trazido repercussões não só sobre o controle e autonomia do trabalho docente, mas também sobre o seu fazer e o seu pensar. Isso pode ter afetado profundamente a identidade do professor e forçando-o a executar novos encargos, gerando sobrecargas, que sob uma nova roupagem de “profissionalismo”, “empreendedorismo” e “competências” leva os educadores a não apenas serem vítimas da já existente precarização e da intensificação de seu trabalho, mas igualmente de um processo de autointensificação, levando-os a serem obrigados a responder a pressões cada vez mais fortes sob condições inadequadas de trabalho, evidenciando o adoecimento docente, e os impactos sobre a qualidade de vidas deste público (BORGES, 2020).

A educação remota chegou na rede privada impondo a professores, pais e estudantes uma outra forma de pensar as atividades pedagógicas; todavia, observou-se que muitos docentes não estavam habilitados/ treinados para desempenhar suas atividades escolares com a mediação das plataformas digitais, seja por conta do nível de conhecimento digital ou dificuldades de acesso a estas tecnologias (ALVES, 2020). Vale ressaltar que com o cenário alterado, foi também observado, concomitante ao ocorrido com o docente, as dificuldades dos discentes, que apesar de maior apropriação tecnológica, enfrentaram desafios na adaptação da modalidade de

aula *on-line*, a reclusão e compartilhamento do ambiente domiciliar e a ausência do contato pessoal com seus pares e a comunidade escolar.

A expressão “ensino remoto” é excepcionalmente utilizada para o período de pandemia, momento este que a educação presencial foi interrompida. Isso aconteceu porque a educação a distância (EAD) já tinha sua existência estabelecida, existindo simultaneamente como educação presencial e sendo modalidade distinta, com oferecimento regular (SAVIANI; GALVÃO, 2021). Outros termos também foram utilizados com o intuito de provocar certo eufemismo dentre a imposição do ensino não presencial, como por exemplo Estudo Remoto Emergencial, Calendário Complementar e Ensino por meio de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) (ANDES-SN, 2020). Além disso, Saviani e Galvão (2021) pontuaram que, dentro do ensino remoto que foi instalado, há diversos interesses privatistas que são colocados para a educação como mercadoria, ausência de democracia nos processos decisórios, exclusão tecnológica, além da precarização e intensificação do trabalho para docentes e demais servidores das IES. Segundo Vian (2022), a educação a distância cresce em solavanco no Brasil, uma vez que houve crescimento de 233,9% em matrículas de cursos de graduação a distância entre 2010 e 2020, comparado ao crescimento de 2,3% nas matrículas da modalidade presencial (BRASIL, 2020). Nesse sentido, Vian (2022) faz o seguinte questionamento: “qual é o sentido e quais são os anseios do setor privado-mercantil-financeirizado educacional por trás da transformação da educação em uma mercadoria digital?”. Em nosso país, a educação tem se dissociado de ser um direito fundamental para tornar-se algo altamente lucrativo e negociável.

As novas tecnologias, utilizadas pelo discurso da modernização, sofisticam os processos de exploração do trabalho e do trabalhador, possibilitando maior cobrança e controle sobre a atividade laboral. Dentro deste contexto, o ensino superior no Brasil sofreu e sofre as mesmas consequências das transformações do setor produtivo da economia. Atendendo às exigências dos órgãos internacionais, ocorreu a partir de 1990 o processo de expansão deste nível de ensino, por meio de políticas públicas que financiam o ensino superior privado (ELIAS, 2014).

Considerando as IES na área da saúde, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP, 2020), no Censo da Educação Superior referente ao ano de 2018, demonstrou que cursos da área de Saúde e bem-estar representaram 5.647 (14,9%) do total de Curso de Graduação Superior ofertados no Brasil, sendo que 854 (8,1%) vinculados a instituições públicas e 4.793 (17,5%) em instituições privadas; sendo as últimas em quantitativo prevalente, seus docentes foram objeto de estudo dessa pesquisa. Nessa perspectiva, o vínculo empregatício e, por

consequente, a instabilidade laboral na esfera privada, representam condições importantes na compreensão dessa problemática.

Assim, a realização do presente estudo se justifica, portanto, pela necessidade de compreender e avaliar as implicações na saúde dos trabalhadores docentes, de IES privadas, provenientes do cenário de pandemia da COVID-19, nos anos de 2020 e 2021. Nesse sentido, buscou-se, tecer considerações acerca desse novo ambiente, em que se inseriram os professores universitários, além de conhecer e avaliar a percepção docente sobre possíveis implicações em seu estado de saúde, mediante a pandemia/isolamento social pela COVID-19, decorrente da aplicação de novas condições e processos de trabalho por meio do ensino remoto emergencial, no contexto de trabalhadores-docentes de cursos da área da saúde, em IES privadas. Conjuntamente, conhecer se ocorreram potencialidades, frente ao aceleração na aprendizagem de novas tecnologias virtuais e possível flexibilidade horária, para realização de atividades físicas e lazer, a fim de traçar paralelos que nos permitam compreender os impactos na saúde física, emocional e psicológica. E, por fim, investigar a saúde física e mental, identificando se o docente se sentiu amparado pela instituição onde atua e/ou por políticas públicas, que o escute, apoie, proteja e promova o aprendizado das novas tecnologias para esse momento remoto.

2. PROBLEMA

Considerando o prolongamento das medidas restritivas e de isolamento social, nos anos de 2020 e 2021, em função da pandemia da COVID-19, e por conseguinte as mudanças no trabalho docente, exigindo alterações no método de ensino, ocorrendo a transição das modalidades presencial para a remota emergencial, novos investimentos tecnológicos (*hardware* e *software*¹), e desenvolvimento de habilidades (*hard skills* e *soft skills*²) fez-se

¹**Hardware e software:** No universo da informática existem dois grandes conjuntos – os equipamentos que chamamos de *hardware*, e o de sistemas, que chamamos de *software*. **Hardware** é a parte real, física, material, como um computador, um *smartphone* e outros equipamentos. **Software** é a parte virtual, lógica, imaterial, como um sistema operacional, um aplicativo (*app*), um *game* e outros programas (GCFGLOBAL, 2021).

²**Hard skills e soft skills:** a palavra inglesa "*skills*" significa "habilidades". Há o entendimento de que ambos os conceitos, *hard* e *soft skills*, falam sobre as aptidões de uma pessoa. As **hard skills** são as habilidades que podem ser facilmente aprendidas (e ensinadas) por meio da formação (graduação e pós-graduação) cursos e treinamentos. Podemos conceituá-las como as aptidões técnicas de um profissional, entre elas: conhecimentos adquiridos durante a formação profissional; graduação; cursos técnicos; mestrados e doutorados; conhecimento na operação de máquinas e ferramentas; e habilidades ligadas à informática. Geralmente constam no currículo. A **soft skills** são mais difíceis de quantificar e reconhecer. Trata-se de habilidades sociocomportamentais, ligadas diretamente às

imperativo saber das implicações, desse cenário, na saúde física, emocional e psicológica dos docentes, da área da saúde, de IES privadas.

Mesmo que com o objetivo de temporário, excepcional, transitório ou emergencial, condições primárias precisariam ser organizadas para que os docentes pudessem exercer suas funções com qualidade, podendo-se citar o acesso ao ambiente virtual propiciado por equipamentos adequados, acesso à internet de qualidade, treinamentos para utilização de ambientes virtuais, orientação quanto à ergonomia frente ao teletrabalho, entre outros.

A pandemia da COVID-19 com as medidas de distanciamento social e as mudanças na atividade de ensino presencial para ensino remoto emergencial, ocasionaram alterações de forma favorável ou desfavorável na saúde dos docentes que atuam na área da saúde em instituições de ensino superior privada?

3. PRESSUPOSTO

As mudanças no trabalho docente, com ênfase no método de ensino, ocorrendo a transição da modalidade presencial para a remota emergencial e o isolamento social, durante a pandemia pela COVID-19, os novos investimentos tecnológicos e a busca pelo desenvolvimento de habilidades por parte dos docentes, tornaram-nos: (a) mais propensos ao adoecimento, aumentando a carga de estresse, que naturalmente já acomete esses profissionais? e (b) houve adaptabilidade de uma parcela docente, ao processo de trabalho remoto/novas tecnologias, fortalecendo aspectos de flexibilização de horário e qualificando as possibilidades de lazer e dedicação a atividade física, implicando positivamente em sua saúde?

4. OBJETIVOS

4.1. Geral

aptidões mentais de um candidato e à capacidade de lidar positivamente com fatores emocionais. Elas abrangem toda a experiência psicossocial de uma pessoa, o que também faz com que sejam habilidades mais complicadas de serem ensinadas ou assimiladas, entre elas: comunicação interpessoal; capacidade de persuasão; proatividade; resolução de conflitos; capacidade de trabalhar sob pressão; senso de liderança; capacidade analítica; interação com pessoas e ambiente; criatividade, empatia e resolução de conflitos; habilidades sociais, mentais e emocionais (WIKLE; FAGIN, 2015).

Conhecer e avaliar a percepção docente sobre possíveis implicações em seu estado de saúde, mediante a pandemia/isolamento social pela COVID-19, decorrente da aplicação de novas condições e processos de trabalho por meio do ensino remoto emergencial, no contexto de trabalhadores-docentes de cursos da área da saúde, em Instituições de ensino superior privadas.

4.2. Específicos

- Traçar o perfil socioprofissional e demográfico dos docentes participantes do estudo;
- Conhecer a organização e as condições de trabalho dos docentes relacionadas com as implicações em sua saúde, no uso do ensino remoto emergencial, em tempos de pandemia/isolamento;
- Identificar percepções de saúde prevalentes autorreferidas pelos docentes, destacando-se o estado geral de saúde.

5. REVISÃO DA LITERATURA

A presente revisão estruturou-se a partir de três elementos que fundamentam este projeto: pandemia/isolamento pela COVID-19; o trabalho docente no ensino superior privado; e a saúde do trabalhador docente.

5.1. Pandemia/isolamento pela COVID-19

O ano de 2020 trouxe mudanças significativas no dia a dia das pessoas, quer seja na vida social, familiar e/ou laboral. Tais mudanças advindas da pandemia da COVID-19.

O primeiro alerta sobre o novo agente viral (SARS-CoV-2) que ocasiona uma doença respiratória grave, identificada como novo Coronavírus, ou COVID-19, ocorreu em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan (Hubei, China). Rapidamente, esta doença transmitida de pessoa para pessoa, principalmente por vias respiratórias, se disseminou por toda China, alastrando-se para mais de 200 países, o que levou a OMS a emitir um alerta sanitário internacional: a Declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional, de 30 de janeiro de 2020 (DENG; PENG, 2020; RALPH *et al.*, 2019).

Após essa Declaração, o MS, por meio da Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020, declarou Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional, em decorrência da Infecção Humana pela COVID-19, reconhecendo que a situação demandava o emprego urgente de medidas de prevenção, controle e contenção de riscos, danos e agravos à saúde pública. A complexidade desta situação mobilizou esforço conjunto de todos os serviços da rede de saúde do SUS para identificação da etiologia e adoção de medidas proporcionais e restritas aos riscos (BRASIL, 2020).

A principal orientação à população foi adotar medidas de distanciamento social, com vistas a diminuir ou interromper a cadeia de transmissão do vírus, uma vez que assim se cria um distanciamento físico entre indivíduos contaminados e saudáveis. Para cumprir essa orientação, houve o cancelamento de eventos, bloqueio de fronteiras, fechamento temporário de escolas e locais de trabalho e recomendação de se manter em casa (LIMA *et al.*, 2020).

Os impactos dessas medidas ultrapassaram os limites do setor saúde, trazendo consequências sociais e econômicas, como o desemprego em muitos setores e a sobrecarga de trabalho, perpassando ainda pelo aumento de diversos tipos de violência doméstica. Ainda cabe destacar o aumento do número de casos de problemas de saúde que não se relacionam diretamente à infecção pelo vírus, mas em consequência desse distanciamento, como estresse, ansiedade, sintomas depressivos, insônia e outras doenças mentais. Alguns pesquisadores sugeriram então, a adoção do termo “distanciamento físico”, tendo em vista a necessidade da conexão social, ainda que seja mantida a distância física (LIMA *et al.*, 2020).

5.2. Trabalho docente no ensino superior privado

O ensino superior, por meio da docência, possui como funções a criação, desenvolvimento, transmissão e crítica da ciência, da técnica e da cultura, além da preparação para a prática profissional. Sendo assim, o aprimoramento da docência determina a integração de saberes e conhecimentos técnicos, pedagógicos e políticos. Ser professor, nesse contexto, demanda conhecimentos que não se limitam aos conteúdos disciplinares, embora estes sejam igualmente indispensáveis (PIMENTA *et al.*, 2003; MEDEIROS, 2007).

O modelo de educação superior sustentado pelos organismos internacionais e assumido pelo Brasil, tem na modificação da natureza do trabalho docente uma de suas diretrizes, o que altera sua função, aumentando a desqualificação técnica e ideológica. Atender às exigências do

paradigma do mercado traz consequências nefastas para o fazer docente, afetando seus status profissional (ELIAS, 2014). Efeito destas reformas é o crescimento potencial do número de IES privadas, que atualmente predominam no campo do ensino superior no Brasil no que se refere ao número de vagas oferecidas e à quantidade de docentes contratados por este segmento em comparação ao ensino superior público. Na região do Triângulo do Norte, por exemplo, que compreende 30 municípios, existem 10 IES privadas, totalizando a oferta de 27 cursos da área da saúde (E-MEC; QUEROBOLSA, 2021).

Na atualidade, a mercantilização da educação a desqualifica como direito, e a transforma em mero serviço sob a égide da produtividade e lucro, próprios do sistema capitalista. O ensino superior privado é a representação desta situação, visto que o fazer pedagógico, ou o “processo de produção” destas instituições estão subordinados à lógica mercantil (DOS SANTOS, 2012). A educação foi incorporada ao capital e hoje tem a função de sustentar o mercado e a nutri-lo de mão de obra especializada. É um novo campo de atuação do capitalismo parasitário que desqualifica para lucrar. Dessa forma, ao localizarmos a problemática do trabalho docente na totalidade histórica, apreendemos que as demandas econômicas resultantes da reorganização do sistema capitalista trouxeram várias repercussões sobre as políticas educacionais, que se fundamentaram na crença de que a educação é o elemento primordial no desenvolvimento econômico e social de uma nação. Essa premissa culminou por vincular as ações educativas aos princípios utilitaristas e pragmáticos do mercado, deformando o conceito de educação que passou a ser tratada como mercadoria, responsável pela qualificação da mão de obra para a inserção nos moldes produtivos voltados para a acumulação e a expansão do capital. O trabalho docente possui especificidades que o diferenciam do trabalho realizado nas fábricas, no entanto isso não o torna imune à alienação do modo de produção capitalista. O professor só pode realizar sua função na forma de trabalho assalariado, tendo o Estado ou o setor privado como patrão. Então, ele assume a forma de uma mercadoria, sujeito a altos e baixos da lei de oferta e procura do mercado capitalista. Como trabalhador assalariado, o docente também não possui autonomia para execução e planejamento de seu trabalho, pois seu trabalho passa a ser pensado e planejado de acordo com os interesses ideológicos dominantes, cabendo a ele apenas executá-lo (BORGES, 2020).

O mundo do trabalho na contemporaneidade apresenta mutações que afetam direta e indiretamente todas as pessoas. A ideologia presente no modo de produção capitalista coloca o trabalho como atividade social valorizada, produzindo a associação entre identidade e trabalho.

No entanto, as condições para sua realização são precárias e por isto oferecem potencial risco à saúde de quem o executa (ELIAS, 2014). A pressão provocada pelas exigências das novas formas de gestão escolar e as péssimas condições do trabalho docente, resultantes da reestruturação produtiva do capitalismo, favorecem o aparecimento dos mais diversos tipos de doenças ocupacionais (BORGES, 2020).

Para Santos Neto (2013) o trabalho traz centralidade para o entendimento do mundo dos homens, pois, por meio dele, é que o homem se faz homem, que o ser humano demonstra toda sua potencialidade de superar as limitações naturais da vida, com o propósito de alcançar níveis de sociabilidade cada vez maior. Neste sentido, a atividade laboral se torna um dos elementos que mais interferem nas condições e qualidade de vida do homem e na sua saúde, pois o trabalho é um direito do homem, garantido pela constituição e uma necessidade natural do indivíduo (CARVALHO, 2014). Para o docente, o processo de trabalho se dá a partir da relação com outras pessoas e dela depende para sua concretização e este é um dos fatores de intensificação e desqualificação do seu labor (ELIAS, 2014). Gerez e Bracht, em 2019, destacavam a precariedade das condições do trabalho docente antes mesmo da pandemia, incluindo a sobrecarga de disciplinas e o acúmulo de vários empregos em virtude de um regime de trabalho predominante horista. De acordo com Gemelli, Closs e Fraga (2020), os docentes na modalidade contratual “horista” ministram aulas em duas ou mais instituições para a composição do salário, trabalhando, muitas vezes, nos três turnos do dia. Assim, visivelmente se observa a precarização das formas de contratação da força de trabalho docente, o que dificulta a fiscalização e a regulação do trabalho, e acaba se traduzindo em adoecimento do profissional (ALESSI *et al.*, 2021).

Verifica-se que os sistemas educacionais e os profissionais da educação atualmente estão vivenciando dias de obscuridade, tanto no que diz respeito à completa ausência de protocolos, diretrizes, políticas, formações e destinação de recursos públicos capazes de suprir as novas demandas inerentes as questões da pandemia e das medidas de restrições e isolamentos, quanto pela ausência de estrutura adequada à implementação desta nova metodologia de ensino (PEREIRA; SANTOS; MANENTI, 2020). Atendendo às demandas do isolamento social, o Conselho Nacional de Educação (CNE) evidencia que é possível produzir e disponibilizar materiais didáticos, bem como promover encontros virtuais de ensino e aprendizagem entre professor e alunos, mediante o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Esses encontros virtuais podem ocorrer de maneira síncrona, quando

há a participação simultânea de estudantes e professores, ou assíncrona, que elimina o paralelismo das aulas presenciais e permite que os atores do processo ensino-aprendizagem se organizem da maneira mais conveniente para si para a realização de suas atividades. São exemplos de ferramentas síncronas os chats e web conferências, enquanto são ferramentas assíncronas o e-mail, fóruns, listas de discussão, portfólios, diários, blogs, glossários (SCHNEIDER, 2020).

No contexto da pandemia da COVID-19, a utilização de TDIC permitiu a realização de alguns serviços, fechados por determinação governamental, tais como trabalhos não essenciais à população, que poderiam ocorrer em casa, e as atividades educacionais remotas. No entanto, esta nova conjuntura educacional instituída devido à pandemia acarreta uma exploração exacerbada da força de trabalho, pois a atividade docente que é desenvolvida pelo(a) professor(a) passa a fazer parte de todos os momentos do seu cotidiano, sem que eles possam computar formalmente as horas extras ou até mesmo serem preparados para utilizarem as ferramentas para as aulas remotas (ZAIDAN; GALVÃO, 2020). Desta forma, o trabalhador da educação arca com as consequências da perda de sentido em seu fazer, com a desvalorização e a precarização, manifestando em seu corpo e psiquismo os efeitos deletérios deste sistema desumano (ELIAS, 2014).

5.3. Saúde do trabalhador docente

A vida humana é determinada por circunstâncias dentre as quais se destaca a busca contínua de ser saudável, uma esfera da realidade que se confronta entre dois polos - saúde e doença. O indivíduo, em alguma fase da vida vivencia situações que geram sofrimento, como, por exemplo, o encontro com a doença crônica. São experiências que não se limitam ao biológico, mas que envolvem mudanças com repercussões emocionais, relacionais e sociais (ZILLMER; SILVA, 2016).

O ambiente de trabalho possui a capacidade de provocar danos específicos e não específicos à saúde de quem trabalha, em razão da multiplicidade de fatores de riscos ocupacionais, mesmo existindo medidas que permitam evitar e/ou reduzir esses riscos (ALMEIDA *et al.*, 2013). De acordo com Cruz, Tagliamento e Wanderbrooke (2016) desde os primórdios, a garantia de sobrevivência e a satisfação de necessidades humanas estão intimamente relacionadas ao trabalho e a manutenção da vida laboral, pode ser uma forma de

enfrentamento que, vinculada à subjetividade, pode trazer sentido e significado à vida.

Segundo Lacaz (2007), a saúde do trabalhador engloba a compreensão das relações trabalho-saúde-doença, num contexto que está constantemente em transformação. Sabidamente, doença e saúde são processos dinâmicos e estão estreitamente articulados com os modos de desenvolvimento produtivo da humanidade. Nesse contexto, as doenças do trabalho são compostas por um conjunto de danos ou agravos que incidem sobre a saúde dos trabalhadores, quer sejam desencadeados, agravados e/ou causados por fatores de risco inseridos nos locais de trabalho. Tradicionalmente, os riscos presentes nos locais de trabalho são classificados em: 1) agentes físicos; 2) agentes químicos; 3) agentes biológicos; e 4) organização do trabalho. As doenças do trabalho podem se manifestar de forma lenta e insidiosa ou podem acontecer repentinamente (BRASIL, 2002).

A sobrecarga de trabalho docente é observada há algum tempo por pesquisas que demonstram que as principais consequências são o sofrimento psíquico e as tendências ao adoecimento, nem sempre visível ou diagnosticado pelos métodos tradicionais. O aumento nos afastamentos profissionais em decorrência de transtornos comportamentais e mentais são um fato que merece atenção e destaque, uma vez que sua saúde mental sofre constantemente pelo estresse, perturbações múltiplas, alimentação inadequada, sedentarismo, esgotamento (PONTES *et al.*, 2020; SILVA, 2015). Essa carga de estresse aumentou exponencialmente com a instalação da pandemia pela COVID-19, acarretando danos à saúde mental destas pessoas por meio das repercussões dos sintomas ligados diretamente à doença ou aqueles adicionais provocados pelo medo da morte iminente, que, conseqüentemente, causam ansiedade, insônia, negação, raiva (TORALES *et al.*, 2020).

A contribuição de Laurell e Noriega (1989) é fundamental para compreender o caráter social do adoecimento, entendendo que ele é determinado pela inserção dos grupos humanos no processo de produção e por isto o processo de trabalho é fundamental para a compreensão do processo saúde doença. Na atual conformação da sociedade, a literatura mostra que os professores não estão conseguindo prover suas condições materiais de existência apenas com o salário recebido, sendo uma das categorias em que, contraditoriamente, o nível de qualificação exigido é o mais alto e o salário obtido o mais baixo. A falta de valorização do trabalho docente, tanto no aspecto social quanto financeiro, gera uma profunda crise de identidade e queda da satisfação com o trabalho desempenhado, favorecendo a instauração do mal estar docente e distúrbios patológicos. A carga de estresse, danos à saúde mental, física, e incertezas da atuação

profissional já fazem parte da profissão docente, que é envolvido pela organização do trabalho flexível e aprisionado nos conceitos de polivalência, qualidade, produtividade e competências, sofrendo, desmotivando-se, gerando uma profunda ansiedade e inegável sofrimento diante das imposições colocadas, o que contribui, em alguns casos, até mesmo para sua autodestruição (BORGES, 2020).

É provável que a pandemia da COVID-19 tenha repercutido no controle e autonomia do trabalho docente e também o seu fazer e o seu pensar, uma vez que houve alteração na forma de ministrar aulas e atividades. Esse contexto pode ter afetado profundamente a identidade do professor, forçando-o a executar novos encargos, gerando sobrecargas, levando-os a responder a pressões cada vez mais fortes sob condições inadequadas de trabalho, evidenciando o adoecimento docente, e os impactos sobre a qualidade de vida deste público (BORGES, 2020).

Nesse aspecto, fez-se pertinente saber se o docente se sentiu amparado pela instituição onde atua e ou por políticas públicas, que o escute, apoie, proteja e promova o aprendizado das novas tecnologias para esse momento remoto.

6. METODOLOGIA

6.1 Ética e protocolo

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); foi aprovada conforme parecer consubstanciado cujo CAAE é 52275221.9.0000.5152, com o seguinte número do parecer: 5.043.710, e foi conduzida de acordo com as diretrizes da Declaração de Helsinque. Todos os participantes deram o consentimento no questionário *on-line*, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A).

6.2 Tipo de estudo

Estudo de abordagem qualitativa, com base em análise de discurso. Optou-se pela técnica de Grupo Focal (GF) e, complementarmente, a aplicação de um questionário socioprofissional e demográfico para traçar o perfil desse grupo docente participante da pesquisa.

A análise de discurso é uma técnica de pesquisa que tem suas raízes na filosofia, na sociologia e na linguística, e sua abordagem é interdisciplinar. Se concentra na interpretação do uso da linguagem em contextos sociais, culturais e políticos. Envolve a análise de textos escritos, discursos falados e outras formas de comunicação para examinar como a linguagem é usada para construir significados, identidades e relações sociais. Assim, é uma técnica cuja pretensão é interrogar os sentidos estabelecidos em produções verbais e não verbais, bastando apenas que sua materialidade produza sentidos para interpretação (CAREGNATO; MUTTI, 2006). Nesse sentido, a unidade de trabalho da análise de discurso é o sentido e não apenas o conteúdo, sentido este que não é traduzido, mas sim produzido (CAREGNATO; MUTTI, 2006). O sentido não está “colado” na palavra, mas constitui um elemento simbólico (CAREGNATO; MUTTI, 2006). Ao realizar a leitura do texto com enfoque na posição discursiva do sujeito, ao utilizar a análise de discurso, o analista fará a união do social, da história e da ideologia, produzindo sentidos (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Para produzir material para a presente pesquisa, referindo ao corpus empírico, utilizou-se a técnica do GF, a qual tem sido amplamente utilizada na área da saúde coletiva, pois permite dar amplitude na compreensão de eventos que implicam uma multidisciplinaridade, pois levam em consideração a percepção dos sujeitos da pesquisa, à medida que eles são impulsionados a problematizar questões críticas, para juntos chegarem a uma tomada de decisão coletiva e comprometida (CARLINE; CONTRIM, 1996; NOVAES, 2000; TANAKA; MELO, 2004).

Essa técnica permite a coleta de informações por meio das interações grupais, sendo definida por alguns autores como uma forma de entrevistas em grupos, que depende da comunicação e interação. É uma investigação da metodologia qualitativa exploratória que busca compreender atitudes e opiniões dos participantes em relação à temática de uma pesquisa; favorece a integração do grupo de sujeitos; estimula respostas consistentes e ideias novas e originais e possibilita ao pesquisador conhecer as percepções dos participantes da pesquisa (SOARES; CAMELO; RESCK, 2016).

O GF tem como objetivo principal a coleta e reunião de dados detalhados sobre um tema proposto por um pesquisador, moderador ou coordenador do grupo. Essa dinâmica ocorre a partir da seleção de um grupo de pessoas e busca informações que permitam compreender percepções acerca de uma temática (TRAD, 2009). Encontra-se na literatura uma variação entre 06 e 15 participantes para a composição dos grupos focais, sendo necessário estabelecer um

número de pessoas que possibilite a participação efetiva de todos os participantes para uma adequada discussão e posicionamento sobre as temáticas (IERVOLINO *et al.*, 2001).

A análise das informações, percepções, sentimentos e emoções observados mediante a realização do GF, perpassa pela transcrição e registro dos depoimentos dos participantes do GF.

Foi então utilizada a metodologia de análise de discurso, onde após várias leituras, foram identificados eixos temáticos. Posteriormente, em posse dos objetivos de estudo, avaliou-se a posição discursiva do sujeito, produzindo sentidos frente a união do social, da história (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

6.3 Local de estudo

A região alvo do estudo, denominada Triângulo Norte possui três microterritórios – Uberlândia, Patrocínio e Ituiutaba – contendo 30 municípios – dos quais 18 apresentam Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) alto e 12, médio – área territorial de 44.624,33 km² e população total de 1.200.604 habitantes em 2010 (MINAS GERAIS, 2021). Esse território destaca-se pela produção de leite, soja e café arábica. Além disso, possui bons índices quanto à infraestrutura das escolas públicas e tem a menor taxa de mortalidade infantil do Estado.

Com relação ao nível de instrução, dessa região, um total de 660.447 (55%) não tem instrução e ensino fundamental incompleto, seguido de 239.290 (19,9%) que tem o ensino médio completo e superior incompleto, cerca de 201.736 (16,8%) possui ensino fundamental completo ou médio incompleto, e, por fim, cerca de 99,129 (8,3%) da população possuem nível superior (MINAS GERAIS, 2021).

Quadro 1. Municípios selecionados para participação do estudo, segundo a região do Triângulo Norte, Minas Gerais, 2021.

Municípios da região Triângulo Norte	
1. Abadia dos Dourados	16. Gurinhatã
2. Araguari	17. Indianópolis
3. Araporã	18. Ipiaçu
4. Cachoeira Dourada	19. Iraí de Minas
5. Campina Verde	20. Ituiutaba

6. Canápolis	21. Monte Alegre de Minas
7. Capinópolis	22. Monte Carmelo
8. Cascalho Rico	23. Nova Ponte
9. Centralina	24. Patrocínio
10. Coromandel	25. Prata
11. Cruzeiro da Fortaleza	26. Romaria
12. Douradoquara	27. Santa Vitória
13. Estrela do Sul	28. Serra do Salitre
14. Grupiara	29. Tupaciguara
15. Guimarães	30. Uberlândia

Nesta região, destacam-se seis (06) cidades com IES privadas, de onde foram escolhidos cinco cursos de graduação, no formato presencial (e remoto emergencial), na área da saúde, e elas foram escolhidas objetivando abarcar os diferentes municípios nos aspectos populacionais e geográficos.

O critério de escolha para os cinco cursos referidos, decorreu de pesquisa de mercado *on-line* (busca na internet) e segundo o critério de interesse por área da saúde, baseado no número de candidatos por vaga da UFU, no vestibular de 2020, sendo eles: medicina, odontologia, medicina veterinária, enfermagem e fisioterapia.

De acordo com manual para classificação dos Cursos de Graduação e Sequenciais - CINE BRASIL 2018 -, os cursos que contemplam a área de conhecimento Saúde e Bem-Estar, são: Odontologia; Medicina; Enfermagem; Enfermagem e Obstetrícia; Tecnologia de Diagnóstico e Tratamento Médico (Análises Clínicas e Toxicológicas; Biomedicina; Oftálmica; Optometria; Prótese e Órtese; Radiologia); Prevenção, Terapia e Reabilitação (Educação Física; Fisioterapia; Fonoaudiologia; Nutrição; Podologia; Terapia Ocupacional); Farmácia; Medicina e Terapia Tradicional e Complementar (Musicoterapia; Práticas Integrativas); Saúde Pública e Saúde Coletiva; Assistência a Idosos e a Deficientes (Assistência a Idosos e a Deficientes; Gerontologia) e Serviço Social (UFRN, 2018).

Dados do resumo técnico do Censo da Educação Superior referente ao ano de 2018, concernente ao percentual e número de Cursos de Graduação por Categoria Administrativa, segundo a Área Geral do Conhecimento, demonstraram que cursos da área de Saúde e Bem-Estar representaram 5.647 (14,9%) do total de Curso de Graduação Superior ofertados no

Brasil, sendo que 854 (8,1%) vinculados a instituições públicas e 4.793 (17,5%) em instituições privadas (INEP, 2020).

Segue no Quadro 2 a relação de cidades e IES privada instaladas nessas cidades, segundo levantamento no EducaBras³.

Quadro 2. Instituições de Ensino Superior com cursos na área da saúde (e outras áreas), segundo a cidade sede, 2021.

Nº	Cidade	IES Área Saúde	IES Outras Áreas	TOTAL
1	Abadia dos Dourados	0	0	0
2	Araguari	1	4	5
3	Araporã	0	0	0
4	Cachoeira Dourada	0	0	0
5	Campina Verde	0	2	2
6	Canápolis	0	0	0
7	Capinópolis	0	0	0
8	Cascalho Rico	0	0	0
9	Centralina	0	0	0
10	Coromandel	1	2	3
11	Cruzeiro da Fortaleza	0	0	0
12	Douradoquara	0	0	0
13	Estrela do Sul	0	0	0
14	Grupiara	0	0	0
15	Guimarânia	0	0	0
16	Gurinhata	0	0	0
17	Indianópolis	0	0	0
18	Ipiacu	0	0	0
19	Iraí de Minas	0	0	0
20	Ituiutaba	2	6	7
21	Monte Alegre de Minas	0	0	0

³ As instituições em destaque são os municípios que possuíam IES na área da saúde no momento do estudo.

22	Monte Carmelo	1	3	4
23	Nova Ponte	0	0	0
24	Patrocínio	1	6	7
25	Prata	0	2	2
26	Romaria	0	0	0
27	Santa Vitória	0	0	0
28	Serra do Salitre	0	0	0
29	Tupaciguara	0	1	1
30	Uberlândia	9	18	27
	TOTAL	15	44	58

Nota: IES: Instituições de Ensino Superior.

Fonte: EducaBras, 2021.

O levantamento realizado no site de pesquisa *Google*, especificando os cinco cursos, no formato presencial (e remoto emergencial), objetos deste estudo, por cidade da região do Triângulo Norte, com IES privadas, apresenta-se da seguinte forma, no Quadro 3:

Quadro 3. Cidades e cursos da área da saúde (Instituições de Ensino Superior privadas), na modalidade presencial (ensino remoto), participantes do estudo, região do Triângulo Norte, Minas Gerais, 2021.

Região do Triângulo Norte	Cursos - Área da saúde						
Cidade	Nº IES privada	Medicina	Odontologia	Medicina veterinária	Enfermagem	Fisioterapia	Total
Araguari	1	X		X	X		3
Coromandel	1			X			1
Ituiutaba	1		X	X	X		3
Monte Carmelo	1			X		X	2
Patrocínio	1			X	X	X	3
Uberlândia	5		X	X	X	X	4
			X	X		X	3
			X	X	X	X	4
					X	X	2
					X	X	2
Total	10	01	04	09	07	06	27

Nota: IES: Instituições de Ensino Superior.

Fonte: e-MEC; Querobolsa, 2021

Salienta-se que as cidades sede, assim como as IES privadas e seus docentes envolvidos nesse estudo, não foram identificados pelo nome (em nenhum momento da análise). A divulgação e publicação dos resultados são tratados por códigos alfanuméricos e/ou nomes fictícios, resguardando a preservação da identidade e dos processos de trabalho, o sigilo e a garantia de anonimato. Assim, não foram revelados o nome dos profissionais, o nome da IES privada (que já não aparece nesse projeto), bem como os nomes dos municípios incluídos no estudo.

6.4 Participantes do estudo

A população alvo deste estudo foi constituída por docentes de ensino superior privado que estiveram na ativa no momento pandêmico, participantes de cinco cursos de graduação da área da saúde. A amostra foi selecionada intencionalmente, sendo composta por 08 participantes. A intencionalidade da amostra justifica-se para o alcance dos objetivos traçados, delineando-se de forma heterogênea, em busca de representar a equivalência para as variáveis: sexo, faixa etária, formação profissional, titulação, área de atuação, tipo de vínculo empregatício, tempo de formado e de docência, preparação e acesso a tecnologias digitais.

Foram incluídos neste estudo docentes da área de saúde, de ambos os sexos, maiores de 18 anos, que trabalhavam em IES privadas da região do Triângulo Norte, Minas Gerais, e que concordaram em participar da pesquisa mediante TCLE. Os docentes das outras áreas de ensino, afastados por qualquer motivo no período da coleta de dados e que não concordaram em participar ou recusaram em assinar o TCLE foram excluídos da pesquisa.

Foi elaborada uma carta convite e uma lista de contatos contendo os nomes e *e-mails* institucionais de acesso público dos docentes (dos cursos da área da saúde alvo deste estudo), utilizando-se os e-mails institucionais públicos, disponíveis nos sites das IES (Apêndice B). Nesse sentido, inicialmente, contataram-se os docentes, justificando e esclarecendo os objetivos deste estudo. Em seguida, orientou e solicitou autorização (via TCLE), para as etapas do estudo, mediante a utilização dos instrumentos de coleta de dados, sendo eles: questionário e GF. Posteriormente, aos esclarecimentos enviamos os links de acesso ao Questionário (Formulários *Google*) e da Plataforma *Zoom*, quando da realização do GF, pela via que o participante preferiu (*e-mail* ou *Whatsapp*). Levaram-se em conta as diretrizes da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) que é uma norma legal, a Lei Ordinária Federal n.º 13.709, de 14 de agosto de 2018, que entrou em vigor a partir de 28 de dezembro de 2018 e teve vigência

plena a partir de 1º de agosto de 2021, e tendo como objetivo regular a forma como os dados pessoais devam ser utilizados por qualquer pessoa, natural ou jurídica, pública ou privada, a fim de proteger os direitos fundamentais, dentre os quais, a liberdade e a privacidade.

Dessa maneira, ao utilizar os e-mails publicitados, representa que a decisão de participação ou não do estudo recai, inteiramente, sob a responsabilidade do docente contatado e, conforme a intencionalidade exposta de seu propósito, promover a garantia de sigilo triplo, isto é, tanto do nome do docente quanto do nome da instituição e do Município de estudo, tornando-se dispensável e não se caracterizando a necessidade de autorização de coparticipação das IES.

A prioridade foi dos primeiros 15 voluntários, resguardando a presença das variáveis pré-estabelecidas, preservando a demonstração variada/diversa de características docente.

Em caso de não adesão/aceite dos participantes do estudo ao GF (que exige carga horária de 2 horas e horário específico para ocorrer coletivamente) e considerando as inúmeras atividades, extensa carga horária docente e demais condições trazidas pela virtualidade das ações, optaríamos pela técnica de entrevista, que também aconteceria de forma *on-line*, individual e programada, isto é, pré-agendada (em data e horário conveniente ao participante do estudo), seguindo o mesmo roteiro de questionamentos dispostos no roteiro do GF, porém não foi necessário.

A amostra foi considerada satisfatória, pois houve um número de 8 participantes, e não foi necessário ocorrer mais de um GF, para concluir e esgotar a compreensão da problemática e objetivos do estudo. No quadro abaixo apresentam-se a formação dos docentes e os respectivos cursos em que ministram aulas. Os nomes das IES as quais os docentes pertencem foram omitidos, visando a não identificação dos voluntários.

Quadro 4. Formação e cursos, conforme docentes participantes do estudo ministram aulas.

Voluntário	Formação	Curso(s) em que ministra aulas
Entrevistado 01 (E01)	Medicina Veterinária	Medicina Veterinária
Entrevistado 02 (E02)	Enfermagem	Enfermagem
Entrevistado 03 (E03)	Medicina Veterinária	Medicina Veterinária
Entrevistado 04 (E04)	Farmácia	Medicina
Entrevistado 05 (E05)	Odontologia	Odontologia
Entrevistado 06 (E06)	Farmácia	Farmácia/Medicina

Entrevistado 07 (E07)	Zootecnia	Zootecnia/ Medicina Veterinária
Entrevistado 08 (E08)	Enfermagem	Enfermagem/Medicina

6.5 Métodos e instrumentos de coleta de dados

Após aprovação e liberação do CEP, os dados foram coletados, mediante um convite por meio eletrônico, para a aplicação de 01 (um) questionário e realização do GF (Apêndice C), juntamente ao TCLE. O convite foi enviado por aplicativo *WhatsApp*, e podia também ser por *e-mail* institucional ou outro endereço eletrônico conforme disponibilidade, funcionalidade e/ou preferência do convidado à participação da pesquisa.

O questionário, a técnica de realização do Grupo Focal, e o TCLE, foram incluídos na plataforma *Google Forms*, na qual foram criados os formulários personalizados.

A plataforma *Google Forms* foi escolhida por não possuir custos, por não exigir que os participantes tenham uma conta do *Google*, por ter a disponibilidade de controlar quem pode visualizar e editar os dados, por ter capacidade de armazenar grande quantidade de dados, que são migrados para as Planilhas *Google*, as quais permitem as análises dos dados coletados, de forma segura.

Considerando a pandemia/isolamento da COVID-19, a aplicação do questionário e a pesquisa qualitativa (que foi feita mediante o grupo focal) foram realizados pelo meio remoto (*on-line*), utilizando a Plataforma *Zoom*; a ferramenta dos Formulários do *Google (Google Forms)* e aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Devido ao cenário de isolamento social que vivemos, tornou-se necessário a criação de novos instrumentos de comunicação, adesão e aceitabilidade dos participantes do estudo. Por este motivo, foi enviado o convite *on-line* para estimular a adesão.

Figura 1. Convite *on-line* para solicitar participação na pesquisa.



6.5.1 Questionário

Foi aplicado um questionário socioprofissional e demográfico para abordar questões relativas a dados de caracterização sociodemográficas e socioeconômicas (sexo, idade, estado civil, número de filhos e renda familiar) e socioprofissional (curso de graduação, tempo de formação, titulação máxima, tempo de docência, tipo de vínculo empregatício na IES, carga horária na docência, faixa salarial e preparação e acesso a tecnologias digitais).

6.5.2 Grupo Focal

A realização do GF ocorreu de forma virtual, mediante videoconferência, por meio da plataforma digital Reuniões *Zoom* Profissional, com tempo estimado para realização de 60 (sessenta) à 120 (cento e vinte) minutos.

O contato inicial com os participantes da pesquisa, foi concretizado mediante *e-mail* institucional de acesso público e via aplicativo de mensagens *Whatsapp*, e buscou formar uma amostra intencional heterogênea e que representou a equivalência para diferentes variáveis supracitadas. O primeiro contato com o docente foi realizado para esclarecer os objetivos deste estudo, dirimir possíveis dúvidas, e solicitar autorização para todas as etapas do estudo e posteriormente enviar o *link* de acesso a Plataforma *Zoom*, quando da realização do Grupo Focal.

Desta forma, após a listagem dos docentes participantes do estudo, e a aceitação/resposta do *e-mail/Whatsapp* pelo docente, foi enviado o *link* da Plataforma *Zoom* e *Google Forms*, para preenchimento do TCLE, questionário semiestruturados socioprofissional

e demográfico e orientações para realização do GF, devidamente aprovados pelo CEP (protocolo nº 5.043.710) da UFU.

Na data de realização do GF, após o acesso de todos os participantes, o moderador, que foi um dos pesquisadores, apresentou a equipe, destacou as regras do grupo e introduziu a discussão de acordo com o roteiro do GF (Apêndice C). Foi informado ainda aos participantes que a discussão *on-line*, seria gravada por meio do programa onde foi desenvolvido o grupo focal e, logo após transcritas as falas, os vídeos e áudios seriam inutilizados.

6.6 Fontes de estudo

A pesquisa foi realizada a partir de livros textos, artigos, teses e dissertações, coletados das bases de dados: Biblioteca Virtual de Saúde - BVS, Descritores em Ciências da Saúde - DECS, *Elton B. Stephens Company* - EBSCO, Público Editora Medline - PUBMED, Sistema *On-line* de Busca e Análise de Literatura Médica - MEDLINE, Literatura Latino-americana - LILACS, Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde - BIREME e Google Acadêmico, não ficando restrito aos artigos referenciados neste projeto.

6.7 Critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos neste estudo os docentes da área de saúde, de ambos os sexos, maiores de 18 anos, que trabalham em IES privadas da região do Triângulo Norte, Minas Gerais, e que concordaram em participar da pesquisa mediante TCLE.

Foram excluídos do estudo os docentes das outras áreas de ensino e os docentes afastados por qualquer motivo no período da coleta de dados.

6.8. Riscos e benefícios

Embora a pesquisa não utilize métodos danosos à dimensão física, psíquica, intelectual, moral, social, cultural ou espiritual do participante, existe o risco mínimo da identidade do mesmo ser revelada. Porém, os pesquisadores se comprometeram a não divulgar dados que possam servir como identificação. Os resultados da pesquisa serão divulgados de forma coletiva.

Os pesquisadores foram os únicos a terem acesso aos dados e tomaram todas as providências necessárias para manter o sigilo. A identidade do participante não foi revelada em nenhum momento, sendo o mesmo identificado utilizando um código criado aleatoriamente pelo pesquisador sem relação com o seu nome ou quaisquer outros dados (sem utilização das iniciais ou outros itens que poderiam identificá-lo).

Os benefícios dessa pesquisa foram os conhecimentos produzidos acerca das condições de saúde nos níveis físico, emocional e psicológico que acometem os docentes da área de saúde, de instituição de ensino superior privada, diante das novas atividades e metodologias de ensino em tempos de pandemia pela COVID-19. Este estudo contribuirá para os conhecimentos científicos e práticos multiprofissionais, bem como, auxiliar no planejamento e na implementação de possíveis estratégias protetivas para a manutenção e/ou para a melhoria da assistência prestada aos docentes que tiveram sua saúde física, emocional e psicológica impactadas pela pandemia da COVID-19.

6.9. Metodologia de análise de dados

As variáveis categóricas, do questionário socioprofissional e demográfico, foram resumidas por meio de frequências e porcentagens. Os dados foram organizados em planilha do *Microsoft Excel*®.

O GF foi transcrito e o material foi então submetido à análise do discurso, proposta por Fiorin (1988) e adaptada por Carl e Bertolozzi (1999), cujo método é constituído por leituras repetidas do material e decomposição do discurso em frases temáticas. Em seguida, foram construídas as categorias empíricas referentes à percepção dos sujeitos.

Com base nos depoimentos dos oito docentes participantes do estudo, mediante o suporte da Técnica do GF, construíram-se categorias e subcategorias para melhor explorar as narrativas mais significativas e frequentes dos docentes. Essa divisão é mostrada na Tabela 1.

Tabela 1. Categorias, subcategorias e elementos de observação.

Categoria	Subcategoria	Eixos temáticos
Vida profissional	Rotina de trabalho	Descrição de um dia de trabalho Condições de trabalho Expectativas e realidade
	Preparação docente para aulas remotas	Novas tecnologias uso e intervenção Precisou aprender, se apropriar e dominar ferramentas online de ensino remoto? Já tinha domínio das tecnologias? Há pressão para aperfeiçoamento delas? Como tem lidado com as novas tecnologias?
	Mudanças nas demandas de trabalho docente com a chegada da pandemia	Realização de atividades extraclasse Disponibilidade ininterrupta para atendimento de alunos, de forma online IES oferece condições adequadas para a execução do seu trabalho? Sensações após um dia de trabalho
	Dificuldades e medos com as aulas remotas	Oferta de treinamentos pela IES Medo de perder o emprego
Saúde	Descreva sua saúde	Problemas de saúde no último ano? Uso de medicamentos? Tem alguma doença crônica não transmissível?
	Uso de álcool/cigarro	Como faz para relaxar? Já usou álcool para isto? Você fuma?
	Saúde mental docente	Fez ou faz acompanhamento psicológico ou psiquiátrico? Como você descreveria sua saúde em geral e sua saúde mental, antes e depois da pandemia?
Lazer/Sono	Atividade física e lazer	O que faz quando não está trabalhando? Como fica a vida familiar? Faz atividade física? Está satisfeito com seu corpo e sua saúde?
	Sono	Quantas horas de sono? Tem facilidade para dormir? Usa ou usou medicamentos para dormir?

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desse estudo serão expostos, juntamente com a discussão e argumentação com outros autores, que pesquisaram temas similares, enriquecendo nossa compreensão sobre a problemática em questão. Nessa perspectiva, descrevem-se os achados, do presente estudo, iniciando-se pelo perfil socioprofissional e demográfico dos docentes participantes, cujos dados foram obtidos mediante aplicação do questionário on-line. Posteriormente, foram

avaliados os depoimentos dos docentes, os quais foram organizados em categorias a partir do consolidado e da análise das falas dos participantes, que são apresentadas no Apêndice D.

7.1. Perfil socioprofissional e demográfico dos docentes participantes do estudo

No total, 15 (quinze) docentes responderam ao questionário, sendo que 08 (oito) participaram do GF. A caracterização dos 08 docentes que participaram na integralidade deste trabalho é apresentada na Tabela 2. A maioria dos docentes que compuseram nossa amostra de investigação foi do sexo feminino (n=7; 87,5%), casado(a) (n=5; 62,5%), com idades variando entre 30 e 59 anos (n=3; 37,5%). Bezerra, Veloso e Ribeiro (2021), também encontraram perfil demográfico semelhante à presente pesquisa. Apesar de estes autores terem avaliado professores da educação básica, eles observaram que o perfil dos participantes foi predominantemente feminino e com faixa etária semelhante (entre 27 e 45 anos) (BEZERRA; VELOSO; RIBEIRO, 2021).

Em nosso estudo, a minoria dos docentes tinha filhos no momento em que os dados foram coletados (n=2; 25,0%). Cembranel, Floriano e Cardoso (2020) pontuaram em um trabalho publicado que mulheres, frequentemente, ocupam cargos de liderança, enquanto que, outra grande parte não está satisfeita com seu salário. Além disso, os docentes do estudo citado reconheceram a dificuldade entre conciliar a maternidade com o trabalho. Em nosso estudo, a maioria das mulheres também não têm filhos, porém não há dados suficientes para fazermos a mesma afirmação do trabalho supramencionado.

Tabela 2. Caracterização demográfica e socioprofissional de docentes de Instituições de Ensino Superior do Triângulo do Norte, Minas Gerais (n=08).

Variáveis	n	%
Dados sociodemográficos		
Idade		
30 – 39 anos	3	37,5
40 – 59 anos	5	62,5
Sexo		
Feminino	7	87,5
Masculino	1	12,5
Estado civil		
Solteiro (a)	2	25,0
Casado (a)/ União estável	5	62,5
Divorciado (a)/ Separado (a)/ Viúvo (a)	1	12,5

Possui filhos (sim)	2	25,0
Dados socioprofissionais		
Profissão		
Enfermeiro (a)	2	25,0
Farmacêutico (a)	2	25,0
Médico Veterinário (a)	2	25,0
Odontólogo (a)	1	12,5
Zootecnista	1	12,5
Tempo de formação		
6 a 10 anos	1	12,5
11 a 15 anos	2	25,0
16 a 20 anos	2	25,0
21 a 30 anos	3	37,5
Titulação máxima de pós-graduação		
Mestrado	5	62,5
Doutorado	2	25,0
Pós-Doutorado	1	12,5
Tempo de docência		
1 a 5 anos	2	25,0
6 a 10 anos	3	37,5
15 a 20 anos	1	12,5
21 a 30 anos	2	25,0
Vínculo empregatício CLT	8	100
Carga horária semanal na docência		
<10 horas	2	25,0
10 a 20 horas	4	50,0
30 a 40 horas	2	25,0
Desenvolve outra atividade profissional (sim)	4	50,0
Faixa salarial		
Até 3 salários mínimos	3	37,5
3 - até 5 salários mínimos	0	0
5 - até 6 salários mínimos	1	12,5
6 - até 10 salários mínimos	2	25,0
>10 salários mínimos	2	25,0
Participação na vida econômica da família		
Responsável pelo sustento	3	37,5
Divide responsabilidades financeiras	4	50,0
Participa minoritariamente	1	12,5
Nota: CLT: Consolidação das Leis do Trabalho.		

Os docentes desse estudo eram profissionais com formação em Enfermagem (n=2; 25,0%), Farmácia (n=2; 25,0%), Medicina Veterinária (n=2; 25,0%), Odontologia (n=1; 12,5%) e Zootecnia (n=1; 12,5%).

No que diz respeito aos dados socioprofissionais, a maior parte (n=7; 87,5%) tinha mais de uma década de formado, titulação máxima de mestre (n=5; 62,5%) e eram docentes há

menos de uma década (n=5; 62,5%). Rosseto e colaboradores (2022) conduziram uma pesquisa para avaliarem as experiências de professores do curso de farmácia de uma IES privada do estado de Goiás sobre as aulas remotas durante a pandemia da COVID-19. Eles observaram que a maioria dos docentes também eram mestres (50%), e que grande parte da amostra (40%) tinha o título de doutor (ROSSETO *et al.*, 2022). De acordo com dados da Geocapes (2020), entre os anos de 2010 e 2015 houve aumento dos investimentos e ampliação do número de programas de mestrado e doutorado em todo Brasil. Nesse sentido, observa-se que, atualmente, a maior parte dos docentes em IES apresentam mestrado e/ou doutorado, além dos cursos de especialização.

Com relação ao regime de trabalho, a totalidade dos docentes era regida pelo regime de Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), sendo que metade dos docentes trabalhavam entre 10-20h semanais e exerciam outras atividades profissionais. Dentre essas atividades, concomitantemente, realizadas ao trabalho docente, os participantes da presente pesquisa pontuaram: exercício de Enfermagem em estética dermatológica (n=1; 12,5%), Enfermeira do Hemocentro (n=1; 12,5%), Coordenador de Mercado Agropecuário (n=1; 12,5%) e Coordenação – participante não especificou o local (n=1; 12,5%). Conforme já citado anteriormente, as autoras Gerez e Bracht (2019) ressaltaram que docentes frequentemente acumulam outras atividades remuneradas. Isso pode ser explicado pelo fato de ser regime de trabalho predominante horista. Em nossa pesquisa, os profissionais entrevistados não exercem dedicação exclusiva em seus locais de trabalho. Assim, necessitam buscar outras fontes de renda.

Nesse sentido, acerca da faixa salarial, os docentes apresentaram rendas bem distribuídas entre o que foi investigado: até 03 salários mínimos (n=3; 37,5%), 3 - até 5 salários mínimos (n=0), 5 - até 6 salários mínimos (n=1; 12,5%), 6 - até 10 salários mínimos (n=2; 25,0%) e mais que 10 salários mínimos (n=2; 25,0%). Dentre os docentes do estudo, apenas 01 (um) (12,5%) participa minoritariamente da vida econômica da família.

Em suma, reconhecemos um grupo da referida pesquisa, onde há o predomínio de docentes mulheres, casadas, com idades variando entre 30 e 59 anos de idade, sem filhos, com mais de 10 anos de graduação e com titulação de mestre. Além disso, todos os voluntários estavam sob regime CLT e a maioria trabalha até 20h semanais (com a docência). Metade exercia outra atividade remunerada, além da docência, uma vez que a maioria tem participação preponderante na vida econômica da família.

7.2 Percepção docente sobre as práticas educacionais durante a pandemia da COVID-19 e implicações sobre sua saúde

7.2.1. Vida profissional

A pandemia da COVID-19 causou surpresa em todo o mundo e frente à alta capacidade de transmissão do vírus, foi necessária rápida adaptação do mundo para os diversos comportamentos humanos, incluindo a vida profissional (BRIDI *et al.*, 2020). Milhões de trabalhadores tiveram suas atividades laborais impactadas, tendo de exercer suas funções profissionais de forma remota, em *home office*.

Diante desta situação e levando em consideração a área da docência, foram avaliados neste trabalho as alterações na rotina de trabalho, a preparação do docente para as aulas remotas, as mudanças na demanda de trabalho e as dificuldades e medos sentidos em virtude do novo contexto em que as aulas se encontravam.

7.2.1.1. Rotina de trabalho

Nos últimos anos, a pandemia da COVID-19 levou à alteração da rotina escolar em todo o mundo, onde estima-se que cerca de 1,5 bilhão de estudantes de 191 países foram afetados pelo fechamento das escolas e universidades (UNESCO, 2020), uma vez que órgãos oficiais de saúde recomendaram o isolamento social da população, incluindo restrições de viagens, fechamento de comércios e escolas/universidades (SALUS; FONSECA; JESUS, 2020).

Com a interrupção das aulas presenciais devido à pandemia gerada pela COVID-19, as mídias sociais se tornaram a única forma de comunicação entre docentes e estudantes. Assim, frente à necessidade repentina e emergencial de fechamento das instituições de ensino, houve rapidamente a implementação do uso de meios digitais para a continuidade das aulas em todo o mundo. No Brasil, por meio da Portaria do Ministério da Educação (MEC) nº343 de 18 de março de 2020 que, posteriormente foi alterada pela Portaria nº345, de 19 de março de 2020 e, consolidada pela Portaria nº544 de 17 de junho de 2020, as IES passaram a realizar o Ensino Remoto Emergencial.

Nesse sentido, os docentes destacaram sobre a mudança na rotina profissional que a pandemia da COVID-19 ocasionou, enfatizando que a experiência com aulas remotas foi algo inédito em sua carreira.

[...] cai de paraquedas [...] já na pandemia e tive muita dificuldade tanto pra me adaptar na rotina [nome da IES] quanto na rotina de aulas remotas, isso foi extremamente agonizante pra mim, porque eu já tinha experiência prévia com docência sim, mas nunca com ensino a distância (E02)

[...] tendo de aprender a rotina da universidade, pedindo ajuda ao máximo que eu conseguia para outros professores [...] (E03)

Segundo Salus, Fonseca e Jesus (2020), inúmeros desafios surgiram no que tange à nova rotina de docentes de nível superior, podendo-se destacar o uso excessivo de tecnologias como ferramenta de comunicação para o ensino e aprendizagem, a dificuldade com o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, a harmonização do relacionamento entre estudantes e professores, e as questões socioemocionais.

As medidas provisórias de aulas em formato remoto foram ações importantes no combate à COVID-19, porém causaram alterações nas rotinas dos docentes (e alunos), os quais precisaram se adaptar rapidamente. Para Schmidt, Lopes e Pereira (2021), o uso da tecnologia e a privação do contato presencial com os estudantes, entre outras situações passaram a compor a rotina do docente perante a pandemia, o que provocou mudanças no padrão tradicional das aulas. Entretanto, para que essas mudanças fossem realizadas com êxito, os docentes tiveram que reorganizar seus processos de trabalho.

Independentemente do formato de ensino (se remoto ou presencial), o trabalho docente é recompensador àqueles que têm o dom de ensinar. Para investigar sobre o sentimento de prazer em ser professor, os docentes foram questionados sobre o que seria de capaz de gerar este sentimento.

Meu grande prazer [...] é ver o brilho nos olhos dos meninos, às vezes por aprender coisas simples, [...] ter esse prazer de volta, [...] o compromisso com a profissão, a questão do aprendizado isso também tem me gera muita, muita alegria nos últimos tempos (E02)

Para além disso, a docência no ensino superior inclui atividades orientações, publicações em congressos e periódicos, ministração de aulas, participação em reuniões e

colegiados e produção/disseminação de conhecimento. Dentre todos estes citados, “ensinar” é unânime entre os docentes avaliados sobre ser o ponto que mais gera prazer com a docência.

Para mim dentro da docência é o prazer realmente de ensinar, de ver e de fazer a diferença na vida de alguém, [...] fazer a diferença na vida deles e os torna- los pessoas melhores (E01)

O meu prazer é o ensinar e a alegria dos meninos, eu acho que aquela alegria contagiante (E04)

O meu prazer é pensar que eu posso estar contribuindo para a evolução dessas pessoas, seja profissional, pessoal, essa oportunidade o que a docência nos permite [...] (E06)

Eu acho que o prazer é de estudar e estar ensinando outras pessoas, melhorando a vida delas, contribuindo para a pessoa ser um bom profissional (E03)

[...] É ver a evolução, é ver o crescimento, é ver a gente, aquele aluninho que entra no primeiro período e como ele sai de lá no final do curso, então é um prazer a gente ter essa evolução, poder compartilhar um pouquinho do nosso conhecimento, e ver que muitos deles [...] Valorizam, apesar de alguns não valorizarem, alguns valorizam muito, mas é um prazer ter a arte de poder ensinar (E05)

Diante deste cenário, observa-se que a pandemia da COVID-19 foi capaz de alterar profundamente a rotina dos docentes, os quais tiveram dificuldades para se adaptarem as mudanças ocorridas. Para além disso, a despeito dessa situação de mudança repentina, os docentes demonstraram o prazer que sentem ao ensinar seus discentes, o qual está intimamente relacionado com o impacto que o ensino pode causar na vida de um indivíduo. De acordo com Kubo e Gouvêa (2012), o trabalho não é considerado apenas um meio de geração de renda, mas deve ser entendido como algo que assegure status, oportunidade de estabelecer e manter contatos interpessoais, além de realização pessoal.

7.2.1.2. Preparação docente para aulas remotas

Para as aulas remotas, os professores precisaram buscar novas formas de ensinar, incluindo o conhecimento sobre o uso de tecnologias, envolvendo a apropriação do acesso à internet e plataformas específicas para as aulas. Este contexto se mostrou desafiador para muitos docentes, principalmente para aqueles que não estavam acostumados a utilizar meios eletrônicos (ZURAWSKI; BOER; SCHEID, 2020). Em relação à preparação docente para

aulas remotas, os entrevistados relataram que as IES incentivaram a atuação do professor nesse novo formato de ministração de aulas.

[...] eu me cobrava isso e sentia sim uma expectativa muito grande por parte do ambiente que eu me encontrava [...] eles (IES) são muito assertivos, eles não falavam ‘você precisam prender a atenção dos alunos’, eles falavam, ‘você consegue prender a atenção do aluno, vocês são fantásticos, então vocês vão dar conta’, então é nesse estilo a pegada deles, o que é muito acolhedor mas é uma prisão, é uma prisão meio sei lá, velada (E06)

É importante levar em consideração que grande parcela da população brasileira não possui acesso à internet, disponível em domicílio. Segundo Andes (2020), 38% das casas não possuem acesso à internet e 58% não têm computador. Desta forma, mesmo que o docente se esforce para oferecer uma aula de qualidade para seus alunos, os mesmos possuem essa dificuldade de acesso.

Frente às mudanças constantes que acometem os indivíduos e a sociedade, é exigido uma nova postura dos docentes de nível superior, em que se abortam ideias e práticas tradicionais de ensino e se adotam novas formas e técnicas durante a ministração das aulas, o que está diretamente associado com a formação pessoal, profissional e social dos alunos universitários (MASSETO, 2022). Sabe-se que muitas IES enfatizam a necessidade de o professor se fazer presente de forma praticamente ininterrupta. Esta questão foi destaque durante a fala de uma docente entrevistada pela presente pesquisa, que externalizou seus sentimentos frente à cobrança da IES.

[...] alunos [...] perderam a noção de urgência, então era *WhatsApp* o tempo inteiro, o tempo inteiro mesmo, mesmo eu não sendo gestora era mensagem desde madrugada até muito cedo, eu não parei no meu outro trabalho [...] (E02)

Assim, o que se observou foi que muitos alunos, e também para uma parcela significativa dos professores, não tinham condições mínimas para exercerem suas funções com excelência devido estruturas físicas inapropriadas em suas respectivas residências. Segundo Saviani e Galvão (2021), o que ficou evidenciado com a pandemia da COVID-19 foi que condições mínimas não foram preenchidas por grande parte dos alunos e também por importante parcela dos docentes, os quais, muitas vezes, acabaram arcando com custos e prejuízos advindo da intensificação e precarização do trabalho.

Com relação a preparação docente para as aulas remotas, que envolvia questionamentos como: “Precisou aprender, se apropriar e dominar ferramentas *on-line* de ensino remoto?”, “Já tinha domínio das tecnologias?”, “Como tem lidado com as novas tecnologias?” e “Há/ Houve pressão para aperfeiçoamento delas?”, observou-se que dois docentes relataram não ter apresentado nenhum problema com a tecnologia, sendo que cinco disseram ter recebido suporte da IES em que trabalhavam, incluindo treinamentos constantes, enquanto que um docente afirmou ter apresentado muita dificuldade com as aulas remotas. A seguir, os relatos demonstram dois docentes que receberam suporte da IES e outro que não recebeu apoio por parte da IES:

O [...] foi fantástico no sentido de nos dar suporte [...] fazia treinamento de duas horas, 3, 4 vezes por semana [...] (E06)

Em relação a capacitação, a IES providenciou desde o começo [...]. O pessoal é muito aberto, são muito prestativos, então a gente tinha um canal direto com eles para tirar dúvidas [...] (E08)

Tive muita dificuldade, tanto pra me adaptar na rotina da IES quanto à rotina de aulas remotas [...]. Eu já tinha experiência prévia com docência sim, mas nunca com ensino a distância, não tive treinamentos, treinamento zero pra mim [...] (E02)

A oferta de treinamentos pela IES, descrito anteriormente, fica ainda mais evidenciado quando os participantes da pesquisa foram questionados sobre se estavam se sentindo preparados para o uso das tecnologias digitais remotas. Nesta pergunta, apenas 01 (um) (12,5%) professor do estudo referiu não se sentir preparado para tal. Santos e colaboradores, em 2021, ressaltaram a importância do professor ser ativo na busca de diferentes tecnologias de informação e comunicação (TICs) e variadas metodologias de ensino, pois assim, o ambiente virtual se torna mais atrativo ao aluno e pode proporcionar maior grau de satisfação para o binômio professor-aluno.

Schimiguel, Fernandes e Okano (2020), ressaltaram que os professores têm se esforçado para reinventarem a forma de ministrarem aulas, isso com o objetivo do crescimento de seus discentes. Os autores também pontuaram que, com a pandemia da COVID-19, mesmo após o término das medidas de isolamento social e com o retorno das aulas presenciais, a vida acadêmica nunca mais será a mesma, uma vez que será cada vez mais necessário o uso de TICs e de novas estratégias a serem utilizadas durante as aulas (SCHIMIGUEL; FERNANDES; OKANO, 2020).

Em suma, observou-se que a grande maioria dos docentes recebeu treinamento de suas IES para lidarem com ferramentas de aula on-line. Entretanto, mesmo com a assistência das instituições, sentimento de insegurança, frente ao trabalho remoto foram observados. Durante este período, o docente precisou se fazer sempre presente, o que poderia tentar compensar a ausência da figura física do professor. Com isso, o tempo livre do profissional, que poderia ter sido investido em atividades de lazer e que fosse fonte de bem-estar, passou a ser ocupado por atividades extracurriculares que aumentaram, ainda mais, a carga de trabalho do docente.

7.2.1.3. Mudanças nas demandas de trabalho docente com a chegada da pandemia

Goulart (2009) relata que a atividade do teletrabalho pode trazer benefícios ao trabalho, citando a redução de custos e riscos com deslocamento, otimização do tempo, redução de estresse, maior convivência com a família e conseqüente melhoria da qualidade de vida. Em algumas falas dos docentes entrevistados em nossa pesquisa, as vantagens do home office derivado das aulas remotas foram evidenciadas.

[...] a perspectiva de trabalhar em casa [...] para mim foi muito reconfortante, e então esse foi um aspecto que no início me deu muito gás [...] (E06)

Para Saviani e Galvão (2021), a automação do trabalho pode liberar tempo ao indivíduo, permitindo a apreciação das coisas e das pessoas pelo que elas são em si mesmas.

[...] acabar a aula e já estar em casa, eu gostei bastante disso [...]. Um ponto positivo de dar aula aqui da minha casa eu devo dizer que eu fiquei bem confortável [...] (E01)

Coube ao professor reconfigurar suas aulas para serem experienciadas por meio das telas dos dispositivos de comunicação, observando o limite de tempo, dos recursos a serem utilizados ou, até mesmo, encontrar um caminho viável para adaptar um ensino, que possibilitasse a aprendizagem dos alunos, em meio a um mundo de recursos tecnológicos (FERREIRA; FERRAZ; FERRAZ, 2021).

Além disso, as atividades remotas de ensino demandaram que os docentes resignificassem suas relações com tempo e espaço. No entanto, a apropriação dos meios eletrônicos pode fazer com que a tecnologia se traduza a uma força de trabalho ininterrupta, levando o ser humano à exaustão (SAVIANI; GALVÃO, 2021). Segundo Robortella (1994), o teletrabalho traz a falsa imagem do “dono de seu tempo”, cujo trabalhador teria a autonomia

absoluta, sem a subordinação jurídica inerente ao vínculo de emprego. Assim, com o teletrabalho, os problemas enraizaram ainda mais.

[...] foi bom estar em casa, estar em família, poder estar em casa [...], mas em contra partida eu trabalhei mais, é porque a demanda de alunos e professores foi bem grande nesse período de pandemia, [...] eu tinha o conforto de estar em casa, mas eu não trabalhava só 40 horas semanais, com certeza não, trabalhava além disso [...] (E05)

O processo de implantação de atividades remotas de ensino acarretou uma sobrecarga de trabalho, pois esses professores passaram a dedicar um tempo maior para a preparação das aulas não presenciais, utilizando-se de interfaces que antes não dominavam, afim de proporcionar aulas mais criativas e participativas, junto aos alunos.

[...] acabava que meio que sobrecarregou também um pouco da carga horária, assim não estou reclamando, mas em relação a toda a demanda dessa pandemia, meio que dá uma desestruturada boa [...] não sei se eu atendi as expectativas (E08)

[...] aí então eu fiquei muito cansada, trabalhei demais, eu tinha em torno 25 horas de aula por semana eu dava muita aula, eu preparava muita aula eu vivia só pra aula, e enfiada na minha casa, a minha vida por um ano foi preparar e dar aula [...] (E06)

Com o aumento da demanda das aulas remotas, os docentes sentiram-se sobrecarregados e, com isso, relataram não terem conseguido realizar suas tarefas com foco. Desta forma, uma maior exigência do docente, para além de sua capacidade máxima, pode acabar prejudicando o desempenho de suas atividades.

[...] nós ficamos um pouco sufocados com tanta demanda, de cursos [...]a demanda triplicou, quadriplicou na verdade [...] (E08)

Eu tive um momento de perder foco e ter mil coisas e não fazer nenhuma 100%, aí eu mesma falei, para, vamos lá, uma coisa de cada vez e agora eu estou na minha reeducação de voltar pro foco 100% (E06)

Multitarefa, mas é um perfil muito meu. Mas o cansaço nos rouba (E08)

Em 2019, a OMS apresentou a Classificação Internacional de Doença-11 (CID-11), que entrou em vigor a partir de 1º de janeiro de 2022, onde a Síndrome de Burnout foi inserida no capítulo de “Problemas Associados ao Emprego e Desemprego”, deixando de fazer parte da classe de Transtornos Mentais, Comportamentais e de Neurodesenvolvimento. Essa síndrome é conhecida como “um quadro de estresse crônico associado ao ambiente de trabalho, no qual as exigências desencadeiam um desgaste mental que ultrapassa a capacidade do sujeito de

suporta-lo e geri-lo” (FRANCO *et al.*, 2019). Nesse contexto, observa-se, frente aos relatos supracitados, que os docentes se sentiram cansados, e muitas vezes sobrecarregados, com as mudanças sofridas, o que pode ter impactado negativamente em sua saúde.

Os docentes entrevistados neste trabalho foram questionados sobre seus sentimentos ao término de uma semana de trabalho com a seguinte pergunta: “Ao final de uma semana de trabalho você está?”. Foram observados sentimentos principalmente relacionados ao cansaço.

Na pandemia eu ficava exausta após a aula, porque eu saia triste, chorando, sozinha e ficava pensando o que eu podia fazer pra melhorar pra próxima aula. Agora atualmente, eu ando muito cansada mesmo, toda sexta-feira eu estou exausta (E01)

Na pandemia exausta. Ao final da semana de trabalho eu estou elétrica (atualmente) (E08)

Na pandemia: exaurida e agora: missão cumprida (E04)

Em suma, as aulas à distância e o teletrabalho proporcionaram sentimentos mistos aos docentes, trazendo vantagens e desvantagens: satisfação por estarem em casa, mais próximos de seus familiares e se sentirem mais à vontade, e dificuldade em separar o trabalho do lar, gerando sentimento de trabalho ininterrupto. A alta carga de trabalho e o aumento da demanda profissional foram bem referidos pelos docentes deste estudo.

7.2.1.4. Dificuldades e medos com as aulas remotas

Segundo Zurawski, Boer e Scheid (2020), o ensino remoto deve ser diferente da aula presencial, sendo necessário criar espaços de participação, procurar motivar o aluno com desafios, questionamentos, trabalhos em grupo, atividades de pesquisa, reflexão dialógica, desenvolvendo o raciocínio clínico, crítico, diferenciado, entre tantas possibilidades metodológicas. No entanto, apesar de ser fundamental o uso de ferramentas diferentes e inovadoras para atrair a atenção do aluno, proporcionando maior retenção do conteúdo ministrado, docentes pontuam que a falta de presença e de participação dos alunos em aulas remotas é um grande desafio. Diante disto, mais de 50% dos professores destacaram a falta de interesse por parte dos alunos, conforme relatos abaixo:

O que me mais me abalou foi a solidão nas salas. Nunca ninguém abria a boca para nada. [...] E o desprazer? Dessa profissão? Pra, eu, na verdade é o desinteresse do aluno, é você querer ensinar para quem não quer aprender [...] Outra coisa que me incomodou muito foram as provas *on-line*. Todos com notas altas sem saber nada. Hoje sofro porque percebo um buraco enorme no conhecimento deles (E01)

O desprazer é o desinteresse meio somado com soberba [...] (E02)

Desprazer de saber o tanto que o aluno é desinteressado [...] (E03)

Desprazer é quando são desinteressados [...] (E04)

Parecendo que a aula da gente tá horrível, desrespeitado [...] desrespeitado demais [...] (E07)

A utilização de recursos tecnológicos durante as aulas não provoca mudanças no cenário de insatisfação coletiva, entre professores e alunos, onde se observa um perfil de pouca participação, desinteresse e desvalorização às aulas por parte dos estudantes (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017). Assim, a tecnologia sozinha não garante aprendizagem (CÉSAR FILHO; BEZERRA; MONT'ALVERNE, 2021). Nesse sentido, aulas com características enfadonhas, rotineiras e pouco dinâmicas devem ser evitadas, se tornando um grande desafio frente a dinâmica de aulas remotas.

Mesmo que o uso de tecnologias digitais na ministração das aulas remotas não tenha sido motivo de dificuldade para a maioria dos docentes deste trabalho, ressalta-se que sentimentos de constrangimento foram transmitidos através do GF. Um docente (E05) enfatizou que não se sentiu confortável com a gravação de sua voz, por exemplo.

[...] porque a gente já montava aulas em Power Point, [...] mas não era um domínio total, me sentia à vontade assim não, principalmente com gravação, com voz, com transmissão, não tinha esse hábito, eu era muito acostumada mesmo só aula na projeção no Power Point presencial com os alunos, isso aí a gente teve que se adaptar, então eu tive que adaptar com espaço, internet, equipamentos, e eu tenho uma carga horária de 44 horas semanais, então puxado, na grande maioria, na maior parte do tempo eu estava em aula e eu tenho as outras 20 horas de gestão [...] E05

A gravação de aulas (que inclui imagens e sons) e a produtividade dos professores/alunos, que passou a ser quantitativamente avaliada através do número de atividades pedagógicas realizadas pelos alunos no interior das plataformas, permitiram maior controle sobre o processo de trabalho dos docentes, com maior facilidade para monitoramento das aulas remotas por parte da coordenação das instituições, incluindo inclusive 'visitas' às aulas virtuais em tempo real pela gestão da escola e sem aviso prévio, resultando em constrangimento (SOUZA *et al.*, 2020). Com uma perda histórica da autonomia e da liberdade

do docente, o professor sente-se coagido, pois está constantemente sob vigilância e controle dos gestores, familiares dos discentes e empresários da educação (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2002).

A partir da descaracterização do papel do docente, a práxis pedagógica fica inviabilizada, uma vez que o professor acaba ocupando função, além de tutor/mediador no ambiente virtual, também de *youtuber/blogueiro/coach* (RELATÓRIO DELORS, 1998; SHIROMA, 2003).

Em adição, sabe-se da importância da presença física de um professor. Para Oliveira e colaboradores (2021), a aprendizagem do discente é mais efetiva quando o mesmo se sente motivado, encontram sentido e objetivo nas atividades propostas pelos docentes, e quando consegue engajar em projetos que proporcionem benefícios a eles próprios e à sociedade. Nesse sentido, com o ensino presencial, é mais fácil atingir situações com essas características. Os docentes do presente estudo foram questionados sobre suas percepções de aprendizagem dos alunos quanto ao ensino presencial e remoto. De forma maciça, a resposta obtida foi que o ensino presencial é mais efetivo na aprendizagem.

Estou bem desanimada. Para mim o que funciona é o presencial 100% [...] Mas também não sei se sou eu que tenho que me adaptar. O sofrimento é imenso (E01)

Presencial 100% (E02)

100% presencial (E03)

Totalmente presencial (E04)

Presencial sempre é muito melhor, extremamente rico, mas, acredito que haverá sim a inserção do ensino híbrido (E08)

Nesse cenário de mudanças, o docente se vê cercado por medos. O medo da perda do emprego, a obrigação de ressignificar seus conhecimentos, medo de uma redução de carga horária, além da reclusão e a privação do convívio social. Esse cenário de medo da perda do emprego também foi relatado por outros autores em estudos com docentes (DO ROSÁRIO COSTA *et al.*, 2020; GUEDES; ARAGÃO, 2021; VIEIRA; DE ARRUDA; HASHIZUME, 2021).

[...] no começo os meus medos [...]o primeiro era de ser mandada embora [...]. Meu medo é porque começou a ter vasão de aluno, alguns alunos começaram a sair, e ali então o meu primeiro medo era realmente ser mandado embora da faculdade ou ter a

diminuição da minha carga horária, porque esse é meu único emprego, só trabalhava ali e eu dependia dessas aulas [...] e não era uma carga horária muito alta [...] (E01)

O medo de perder o emprego e, conseqüentemente, tudo o que isso representa para o sustento da família e manutenção de atividades essenciais é fundamentado e não apenas algo abstrato. Com a Medida Provisória nº 936, inúmeros trabalhadores tiveram suas jornadas de trabalho diminuídas ou seus contratos suspensos, resultando em reduções da renda. Em uma IES da cidade brasileira de Curitiba, capital do estado Paraná, mais de 200 (duzentos) docentes foram demitidos durante a pandemia da COVID-19 (MELLO, 2021). Segundo Piovezan (2017), o trabalho docente tem sofrido um processo de precarização frente ao contexto capitalista contemporâneo. Devido ao novo formato de educação, em virtude ao distanciamento social, evidenciou-se as fragilidades do sistema educacional, onde se incluem os docentes, os quais foram forçados a se adaptarem as novas condições de aulas predominando, assim, a precarização do trabalho docente (SOUZA *et al.*, 2021).

É importante destacar que, mesmo antes da pandemia pela COVID-19, o setor da educação já era alvo de muitas medidas econômicas e políticas, focalizando e direcionando a educação para os fins mercadológicos, contribuindo para a precarização do trabalho (SILVA JUNIOR, 2017).

Meu desprazer nos últimos anos tem sido relacionado as grandes perdas que a educação superior no Brasil tem sofrido, em função das políticas públicas, [...] uma grande destruição do ensino superior [...] a questão da migração da educação à distância, a carga horária virtual. Eu tenho 22 anos de docência e eu tenho assistido ano após ano sempre soluções que são em prol do capitalismo ao invés da Educação, essa é a minha tristeza na docência (E06)

Meu desprazer é muitas das vezes eu estar por exemplo em uma instituição privada e não ter condições às vezes de fazer coisas que eu gostaria de fazer, ou às vezes ter que seguir regras que às vezes eu não concordo. Não poder às vezes mudar algumas coisas, porque a gente tem que seguir algumas regras relacionadas às instituições privadas, [...] também compartilho desse mesmo desprazer com ela (E06), que muitas das vezes o que a gente vê hoje em dia, são soluções em prol do financeiro, do capitalismo, que é isso vai de acordo nitidamente com a qualidade do ensino (E05)

Com a instalação da pandemia, o cenário tornou-se propício a esta situação nos mais diferentes campos profissionais, incluindo a docência. Foi exigido que os docentes se “reinventassem” utilizando estratégias que envolvessem “jogo de cintura”, “criatividade” e “inventividade”, com o objetivo de reduzir as conseqüências da nova forma de trabalho, cujo

cenário trouxe o recrudescimento da precarização do trabalho, incluindo os docentes (MENEZES; MARTILIS; MENDES, 2021).

Em resumo, além dos medos e receios causados pela pandemia da COVID-19 propriamente, as repentinas mudanças no trabalho contribuíram para a percepção de dificuldades e medos. Sentimentos de desinteresse dos alunos percebidos pelos docentes são desestimulantes para o profissional. Além disso, a sensação de constrangimento, por terem vozes e imagens gravadas, também foi relatada. Por fim, ressalta-se o medo da iminente perda de emprego, situação que afetou um enorme número de trabalhadores, incluindo docentes.

7.2.2. Saúde

Com o início da pandemia, a principal preocupação estava relacionada com a contaminação. Quando questionados sobre terem sido contaminados pela COVID-19 até a data da entrevista, alguns docentes afirmaram que não tinham apresentado a doença no início da pandemia. Isso pode ter sido devido as medidas sanitárias de isolamento social, incluindo o ensino remoto.

Não tive COVID-19 na época. Tive recentemente em janeiro/2022 (E01)

Não tive (E02)

Não tive COVID-19 (E03)

Além disso, a disponibilização das vacinas à população constitui uma das mais importantes medidas de prevenção ao agravamento da doença. Assim, é imprescindível lembrar que toda a população seja consciente e vacine-se conforme o calendário disponível, incluindo os docentes. Quando entrevistados, um docente participante do GF afirmou ter recebido três doses da vacina (até a data da entrevista). Isso representa maior proteção tanto para si mesmo como para os discentes.

Em relação as vacinas tomei 3 doses (E01)

A pandemia da COVID-19 trouxe mudanças na saúde da população mundial para além da contaminação pelo coronavírus. Alterações na saúde mental e física foram observadas em homens e mulheres de todas as idades. Além disso, o receio de estarmos vivenciando um

momento histórico trouxe mudanças na rotina de atividades de cuidado com a saúde, como alimentação e atividade física.

7.2.2.1. Descreva sua saúde

Para Gouvêa (2016) no que se refere à sobrecarga de trabalho e à saúde de docentes, dois fatores são determinantes para provocar processos de adoecimento. O primeiro fator está relacionado à diminuição ou a falta de tempo livre fora do trabalho para outras atividades da vida e para o lazer. Já o outro fator é a realização do trabalho em condições de estresse, que pode levar a implicações para a saúde, por expor os trabalhadores a situações extremas. Somado a esses fatores, temos o contexto pandêmico de incertezas em relação à saúde e bem estar da família e também ao ambiente de trabalho.

Engordei 12 kg e me afetou o psicológico. Muito mesmo. Não fiz terapia. [...] Comecei a fazer exercícios em casa. Emagreci e fiquei bem (E01)

Carvalho e colaboradores (2022) conduziram um estudo que objetivou avaliar o hábito alimentar e o estado nutricional de docentes da área da saúde de uma IES de Várzea Grande, Mato Grosso, durante a pandemia da COVID-19. Os autores encontraram que houve aumento significativo no índice de massa corporal dos docentes, quando comparado com o período antes da pandemia. Isso pode ser explicado pelo fato de as porções de alimentos também terem sofrido aumento, o que contribuiu com o aumento do consumo calórico diário (CARVALHEDO *et al.*, 2022). Apesar de o presente trabalho não ter avaliado o estado nutricional e a alimentação dos docentes (o que inclusive não era o objetivo), percebe-se que houve alteração no estado nutricional.

Outro ponto importante a ser apresentado e discutido é acerca do surgimento ou intensificação de dores osteomusculares ou cefaleias. Na modalidade do ensino remoto houve aumento da carga trabalhada, sendo observado pelo acúmulo de atividades domésticas e profissionais, sobretudo por parte das mulheres, ocasionando tensão, estresse, fadiga e dores (NEVES, 2020).

Minhas enxaquecas e crises de sinusite aumentaram muito [...] comecei a trocar de medicamentos, a procurar neurologistas e a sinusite sim aumentou demais [...] (E02)

[...] Dor de cabeça e tive um probleminha na cervical [...](E08)

No trabalho de Kraemer, Moreira e Guimarães (2020), todos os docentes avaliados apresentaram dor no último ano. Para Mattos e colaboradores (2021), mesmo de forma não tão intensa ou apenas constante por certo tempo, a dor pode impactar negativamente nas mais diversas situações, sendo capaz de provocar incapacidades e afetando o bem-estar individual e coletivo.

Assim, esses achados reforçam que prejuízos na saúde dos docentes foram observados no período pandêmico, atrelados as aulas remotas. Situações como ganho de peso e ocorrência de dor, as quais foram citadas também neste trabalho, podem gerar impactos negativos na saúde global do indivíduo como a ocorrência de doenças secundárias.

7.2.2.2. Uso de álcool/cigarro

Frente as medidas de distanciamento social mundialmente adotadas, aliado a problemas financeiros e outras situações fonte de estresse, alguns indivíduos aumentaram o consumo de álcool (QUEIROGA *et al.*, 2021). Esse fato foi inclusive pontuado pelos docentes que participaram do GF.

Com a pandemia e restrita em casa o uso de álcool socialmente teve uma elevada na minha vida (E08)

Eu aumentei a bebida. Bebia muito. E tive compulsão alimentar (E01)

No Brasil, dados de uma pesquisa realizada pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) apontou que 42% dos entrevistados relatou alto consumo de álcool durante a pandemia da COVID-19, o que representa algo alarmante para o período de isolamento. Sabidamente, é bem documentada a grande carga de doenças que o abuso de álcool pode acarretar no ser humano, podendo-se citar o câncer, a cirrose, as desordens mentais e comportamentais, além de lesões que podem ser provocadas secundariamente, como acidentes de trânsito, suicídios e violência (GRACIA; FREITAS, 2013), por exemplo. É imprescindível que os órgãos públicos de saúde estejam atentos para que o crescente uso de álcool não se torne prejudicial durante e após a pandemia (ADAMOLI *et al.*, 2020).

Deste modo, observou-se que, em relação ao aumento do uso de álcool, os docentes que compuseram a amostra do presente trabalho apresentaram similaridades com os achados por

outros pesquisadores. Apesar de serem indivíduos com capacidade de criticidade quanto a situações que possam prejudicar sua saúde, ainda assim, notou-se aumento na utilização de bebidas alcoólicas.

7.2.2.3. Saúde mental docente

Concomitantemente a este cenário, observa-se alterações na saúde mental em boa parcela da população mundial frente ao surgimento da pandemia da COVID-19. Diversas pesquisas apontam que as dinâmicas de comportamento do ser humano frente ao novo coronavírus relacionadas à saúde mental, aumentaram quadros como depressão, insônia, medo, ansiedade, estresse e raiva em diferentes populações (BÄUERLE *et al.*, 2020; COVID-19 MENTAL DISORDERS COLLABORATORS, 2021). Em relação à saúde mental, três participantes alegaram terem ido a consultas psicológicas e/ou psiquiátricas enquanto um docente descreveu aumento no nível de ansiedade com as aulas em formato remoto:

[...] quando eu entrei, eu entrei filha da pandemia, e isso me trouxe mais ansiedade ainda porque além de ter que aprender a dinâmica da universidade eu tive que aprender a dinâmica da pandemia [...] Isso me trouxe mais ansiedade ainda [...] então controlar a ansiedade deles e controlar a minha ansiedade foi bem difícil e a questão de como lidar com esse universo, a distância... eu não tinha tido contato, detesto lembrar. Isso é a parte mais sofrida: o silêncio; é um silêncio eterno, é você falando sozinha com o computador e ninguém comentando com você [...] (E02)

Eu já usava sertralina⁴, continuei usando e ainda uso. Eu já fazia psicoterapia há anos, continuei fazendo e ainda faço (E06)

Faço uso sim. Estou ainda tratando [...] Antes da pandemia não fazia uso [...] Eu já fazia psicólogo antes mas intensifiquei minhas sessões [...] (E08)

Estudos revelam inúmeros docentes adoecidos mentalmente pela COVID-19, devido a depressão, transtorno afetivo bipolar, ansiedade, transtorno de adaptação e síndrome de burnout ou síndrome do esgotamento profissional (KOVAC; MEMISEVIC; SVRAKA, 2021;

⁴ O medicamento cloridrato de *sertralina* está indicado para o tratamento da depressão acompanhada por sintomas de ansiedade, do transtorno obsessivo compulsivo em adultos e crianças.

OZAMIZ-ETXEBARRIA *et al.*, 2021; PALMA-VASQUEZ; CARRASCO; HERNANDO-RODRIGUEZ, 2021).

Segundo Shrestha e colaboradores (2022), analgésicos, antibióticos e suplementos nutricionais são as drogas mais comumente autoadministradas, sendo que, durante a pandemia pela COVID-19, os principais fatores associados à automedicação foram medo, ansiedade e percepção em relação a COVID-19. No presente estudo, dois docentes disseram ter aumentado o uso de analgésicos:

Não tomo remédio pra nada, tomo (marca do analgésico) e só [...] (E03)

Tomava (marca do analgésico) [...] as vezes usava por ficar muito tempo na frente do computador, mas eu senti mais foi cansaço, sabe um cansaço físico? [...] (E04)

Nesse sentido, Andrade (2020) investigando os impactos da pandemia COVID-19 na saúde física e emocional dos professores de uma escola pública de ensino fundamental encontrou que a intensificação do trabalho docente, a sobrecarga de trabalho, a falta de experiência no uso de tecnologias e as incertezas do pós-pandemia contribuiram para um aumento do adoecimento docente.

Assim, notou-se que as alterações que houveram nos hábitos de vida, incluindo mudanças no trabalho, desse grupo de docentes, frente à pandemia da COVID-19, foi um estímulo ao prejuízo na saúde física e mental, como demonstrado por diversos outros autores.

7.2.3. Lazer/Sono

Com a instalação da pandemia da COVID-19, o distanciamento físico e o distanciamento social exigiram que as atividades de lazer fossem readequadas à nova realidade. Além disso, outro ponto potencialmente atingido foi a qualidade do sono dos indivíduos, o qual está intimamente ligado com questões psicológicas, por exemplo. Assim, avaliar esses dois fatores que interferem na saúde dos docentes, e estão relacionados com a qualidade de vida, se faz necessário.

7.2.3.1 Atividade física e lazer

O discurso sobre atividade física ser importante à saúde de um indivíduo é antigo e bem anterior ao surgimento da pandemia da COVID-19. Segundo dados provenientes de capitais brasileiras, em 2019, estimou-se que cerca de 39% dos adultos praticavam atividade física de lazer conforme as recomendações de saúde (FERREIRA *et al.*, 2019). Ferreira e colaboradores, em 2021, avaliaram o comportamento sedentário de adultos e idosos durante a pandemia da COVID-19 e encontram que a maioria dos participantes excedeu o valor considerado adequado à saúde para o tempo de tela (86,7%). Sabidamente, a pandemia colaborou com o sedentarismo da população. Em nosso estudo, os depoimentos encontrados estão de acordo com a literatura.

Eu fazia, mas continuei fazendo, mas depois tive que parar pela questão de fechamento de turma né, e aí com essa parada me prejudiquei muito minha saúde mental, eu também tive um adoecimento mental aí que eu tive que procurar psiquiatra, psicólogo, e tomar medicamento e todos os dois sempre me falavam, você precisa ajudar seu medicamento a fazer efeito, volta pra atividade física, então na primeira brechinha que deu pra voltar, eu voltei e aí hoje eu entendo né, a importância disso pra minha vida, não paro mais, independentemente de qualquer pandemia que aparecer [...] (E02)

Parei, na verdade eu já não fazia nada (E04)

Durante a pandemia, eu fiquei um ano e meio sem fazer nada, eu fazia pilates, eu pedalava, parei com tudo durante a pandemia, os primeiros um ano e meio da pandemia (E01)

No entanto, há poucas políticas públicas que objetivem a oferta de programas que englobem práticas corporais e atividades físicas, sendo que o acesso a um profissional de educação física se torne mais restrito aos indivíduos de maior poder aquisitivo (OLIZ; DUMITH; KNUTH, 2020; FERREIRA *et al.*, 2019).

Antes da pandemia tinha perdido 30 quilos [...] porque eu estava diabética e hipertensa, e aí eu havia emagrecido, então eu não podia parar com a atividade física, porque senão eu ia ganhar né, ter um ganho de peso. Então eu fazia academia nos dias que eu não estava de plantão, duas horas a mais a noite [...] então eu não deixei até hoje [...] eu paguei um personal e ele vinha na minha casa, é porque eu sei de várias academias que abriram [...] eu fiquei com muito medo de ir pra academia [...] mas eu fazia em casa e na pracinha que tem próximo a minha casa (E08)

De acordo com Warburton e Bredin (2017), existe uma relação dose-resposta entre atividade física e mortalidade prematura e a prevenção primária e secundária de várias condições médicas crônicas, de modo que benefícios são observados com volumes relativamente pequenos de atividade física.

Diante do exposto, observou-se que a prática de atividade física foi prejudicada em alguns voluntários, sendo que o período de tempo de interrupção foi diferente entre eles: enquanto alguns mantiveram-se sedentários por bastante tempo, outros voltaram as suas atividades corporais o mais breve possível.

7.2.3.2. Sono

O sono é um comportamento altamente complexo, sendo um estado fisiológico essencial aos organismos, principalmente para os mamíferos (ALOÉ; AZEVEDO; HASAN, 2005). Castro e colaboradores (2021) relataram que um inadequado ciclo de sono/vigília está intimamente relacionado com piora da função cognitiva e da memória de curto e longo prazo, além de ser positivamente associado com o aparecimento de sintomas como ansiedade, estresse e depressão.

Pinho e colaboradores (2021) conduziram uma pesquisa que objetivou descrever características do trabalho remoto, situação de saúde mental e qualidade de sono na pandemia da COVID-19 em docentes da Bahia. Foram avaliados 1.444 docentes de todos os níveis de ensino da rede particular, dentre os quais predominaram mulheres (76,1%) jovens – 21-41 anos (61,6%). Os pesquisadores encontraram que a qualidade do sono foi relatada como ruim pela maioria dos docentes (84,6%). No presente estudo, também foram observados impactos negativos da pandemia da COVID-19 sobre a qualidade do sono.

[...] foi um pouquinho mais de desorganização na saúde mental, aí eu fiquei com a indução de sono, usando antidepressivo/ansiolítico, aí o do sono foi mais ou menos um ano e meio e eu consegui tirar, continuo com [nome do medicamento] pro controle de ansiedade e depressão [...] (E02)

Por outro lado, alguns docentes relataram que não observaram mudanças na qualidade do sono advindos com a pandemia. Um docente pontuou que, mesmo com o cansaço e com muitas atividades s serem realizadas não observou alterações em seu padrão de sono.

Não alterei medicamento, tomava (marca do analgésico), acho que (marca do analgésico) as vezes usava de ficar muito na frente do computador sim, mas eu senti mais foi cansaço físico. Mesmo com muita coisa pra fazer, mas não tive questão de sono [...] (E04)

Em adição, outro docente referiu que seus problemas com a qualidade do sono eram anteriores à instalação da pandemia.

Problema pra dormi? Eu sempre tive, não foi por causa da pandemia não, mas eu sempre tive [...] (E03)

Sabe-se que o exercício da docência pode envolver situações que colaboram com a má qualidade do sono e que são independentes da pandemia. Freitas e colaboradores (2021) observaram que manter mais de um vínculo empregatício, seis horas ou menos de sono, dor musculoesquelética e de cabeça, alta exigência psicológica com baixo controle sobre o trabalho e tempo irregular e/ou insuficiente para a prática de atividades de lazer foram fatores que se associaram negativamente com a qualidade do sono de docentes de educação superior de uma universidade pública na Bahia.

Em resumo, a exploração desta temática se revela de grande importância para os docentes de educação superior, bem como contribui positivamente com a saúde coletiva, principalmente para o campo da saúde do trabalhador. Provavelmente ações de promoção de saúde que contribuam para uma melhor qualidade do sono devam considerar as características do contexto organizacional do trabalho docente.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que esse estudo viabilizou o conhecimento da percepção docente, especialmente do professor de ensino superior privado, sobre as implicações em seu estado de saúde decorrente da aplicação de novas condições e processos de trabalho, no momento imperioso de novas modalidades e tecnologias no ensino-aprendizagem, durante a pandemia pela COVID-19. Nesse sentido, indicou que seu estado geral de saúde, incluindo a saúde mental, revelou-se comprometida mediante: uma rotina extenuante; sobrecarga de trabalho; ambiente de trabalho simultâneo ao do lar e, por vezes, o receio de perder o posto de trabalho. Em acréscimo, estavam presentes as incertezas advindas da pandemia, com o isolamento social, situações essas, que contribuíram para o maior uso de álcool, inatividade física, alimentação inadequada, estresse, cansaço, ansiedade, entre outros. Todos estes fatores podem influenciar negativamente a saúde dos docentes e impactar na qualidade do trabalho realizado.

Em consonância com os achados supramencionados, traçou-se também o perfil socioprofissional e demográfico dos docentes participantes deste estudo, distinguindo: docentes mulheres; com titulação de mestre; casadas; na faixa etária entre 30 e 59 anos de idade; sem filhos; há uma década no mercado de trabalho; vinculadas ao regime CLT, com carga horária mínima de 20h semanais na docência.

Refletiu-se nesse estudo, que houveram inúmeras mudanças na rotina desses trabalhadores, advindas da nova maneira de conduzir/ministrar aulas. Com isso, as dificuldades e desafios enfrentados no trabalho docente, neste contexto da esfera superior privada, podem sim proporcionar um ambiente favorável ao adoecimento desse profissional. Assim sendo, o trabalho foi capaz de tecer as considerações a que se propôs e demonstrou confirmação de um de seus pressupostos, ou seja, o trabalhador docente, se tornou mais propenso ao adoecimento e teve aumento de sua carga de trabalho, com a pandemia, reforçando o que a literatura já vem afirmando, como o empobrecimento e precarização das condições e vínculos de trabalho, resultando em repercussões negativas sobre a saúde física e mental desse trabalhador.

Esses resultados fornecem evidências que sugerem a necessidade de ações para melhorar as condições de trabalho dos professores que na atualidade estão utilizando o teletrabalho, e assim melhorar sua saúde psicossomática. Esperamos que tenha um impacto positivo em toda a comunidade educativa, e que abra caminhos para que mais estudiosos possam buscar respostas para questões de como as condições laborais atuais (principalmente devido a pandemia) são ainda mais desgastantes e submetem a pressões psicológicas potencialmente causadoras de adoecimento e, assim, contribuir para que o trabalhador-docente seja respeitado e valorizado, evitando o adoecimento dependente da precarização, insegurança e desestabilização de seu trabalho.

Este estudo não é isento de limitações. Assim, estudos com outros desenhos metodológicos, em especial ensaios de campo e longitudinais, contendo amostras mais significativas, devem ser realizados para complementar as informações e aumentar o nível de evidência do estudo. Outras pesquisas de abordagem qualitativa são necessárias, ainda, para verificar a relação trabalho e adoecimento docente e revelar fatores que interfiram na saúde do docente, buscando fornecer subsídios suficientes para ampliar a oferta de estratégias que levem à promoção da qualidade de vida laboral deste segmento de trabalhadores.

REFERÊNCIAS

- ADAMOLI, A. N.; *et al.* **O uso de álcool e outras drogas em tempos de pandemia.** Porto Alegre: PUCRS. 2020.
- ALESSI, S. M.; SOARES, M. S.; PEREIRA, C.; MARTINEX, M. M. C.; MARCH, C. A crise sanitária aliada às consequências da pandemia pela Covid-19 no contexto da crise do capital. **Universidade e sociedade**, Ano XXXI - Nº 67 - janeiro de 2021
- ALMEIDA, L. M. W. S. *et al.* **Atuação do enfermeiro na saúde do trabalhador: Programa de Atualização em Enfermagem: saúde do adulto (PROENF).** Porto Alegre: Artmed, Ciclo 7, v. 4, 2013.
- ALOÉ, F.; AZEVEDO, A. P.; HASAN, R. Sleep-wake cycle mechanisms. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 27, n. 33, p. 39, 2005.
- ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas**, v.8, n.3, p. 348 – 365, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365
- ANDES-SN. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN. **Grupo de Trabalho de Política Educacional. Projeto do capital para a educação**, volume 4: O ensino remoto e o desmonte do trabalho docente. 2020.
- ANDRADE, E. R. S. **Adoecimento no trabalho docente em tempos de pandemia: impactos na saúde dos professores dos anos iniciais de uma escola da rede pública do DF.** 2020.
- ARAÚJO, F.J.O *et al.* Impact of Sars-Cov-2 and its Reverberation in Global Higher Education and Mental Health. **Psychiatry Research**, v. 288, p. 112977, 2020.
- ATILES, J. T.; ALMODOVAR, M.; CHAVARRÍA VARGAS, A.; DIAS, M. J. A.; ZÚÑIGA LEÓN, I. M. International responses to COVID-19: Challenges faced by early childhood professionals. **European Early Childhood Education Research Journal**, v. 29, n. 1, p. 66-78, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/1350293X.2021.1872674>.
- AURINI, J.; DAVIES, S. COVID-19 school closures and educational achievement gaps in Canada: Lessons from Ontario summer learning research. **Canadian Review of Sociology**, v. 58, n. 2, p. 165-185, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/cars.12334>
- BÄUERLE, A.; TEUFEL, M.; MUSCHE, V.; WEISMÜLLER, B.; KOHLER, H.; HETKAMP, M.; DÖRRIE, N.; SCHWEDA, A.; SKODA, E. M. Increased generalized anxiety, depression and distress during the COVID-19 pandemic: a cross-sectional study in Germany. **J Public Health (Oxf)**, v. 42, n. 4, p. :672-678, 2020.
- BEZERRA, N. P. X.; VELOSO, A. P.; RIBEIRO, E. Práticas educativas, memórias e oralidades. **Rev. Pemo**, v. 3, n. 2, e323917, 2021.

BORGES, K. P. **Trabalho, precarização e adoecimento docente**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2020

BRASIL. Ministério da saúde. **Brasil confirma primeiro caso de Coronavírus 2019**. Disponível em <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>>. Acesso em 22 mar 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas – INEP. **Censo da Educação Superior 2020** – Divulgação dos resultados. Brasília, DF, 2022. <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>>. Acessado em: 24 mar 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Cadernos de Atenção Básica. Programa Saúde da Família número 5**. - Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. **Portaria nº 188**, de 3 de fevereiro de 2020. Ministério da Saúde. Brasília: DOU de 04/02/2020.

_____. **Portaria nº 343**, de 17 de março de 2020. Ministério da Educação. Brasília: DOU de 18/03/2020.

_____. **Portaria nº 345**, de 19 de março de 2020. Ministério da Educação. Brasília: DOU de 19/03/2020.

_____. **Medida Provisória nº 934**, de 1º de abril de 2020. Presidência da República. Brasília: DOU de 01/04/2020.

_____. **Medida Provisória nº 936**, de 1º de abril de 2020. Presidência da República. Brasília: DOU de 01/04/2020.

_____. **Portaria nº 395**, de 15 de abril de 2020. Ministério da Educação. Brasília: DOU de 16/04/2020.

_____. **Portaria nº 473**, de 12 de maio de 2020. Ministério da Educação. Brasília: DOU de 13/05/2020.

_____. **Parecer nº 5**, de 28 de abril de 2020. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. Brasília.

_____. **Portaria nº 544**, de 16 de junho de 2020. Ministério da Educação. Brasília: DOU de 17/06/2020.

_____. **Lei nº 14.040**, de 18 de agosto de 2020. Presidência da República. Brasília: DOU de 19/08/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior Cadastro e-MEC**. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 maio 2021.

BRASIL. Congresso Nacional. **Medida Provisória nº 934, de 2020**. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/141349>. Acesso em: 03 jun. 2021.

BRIDI, M. A., *et al.* O trabalho remoto/home-office no contexto da pandemia COVID-19. **Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade**, 2020.

BUDAL SCHMIDT, J.; LOPES, F. M.; PEREIRA, S. L. Impacto da pandemia no trabalho docente no ensino superior. **Monumenta - Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 1, n. 2, p. 191-213, 2021.

CANZONIERI, A. M. **Metodologia da pesquisa qualitativa na saúde**. Petrópolis: Vozes, 2010.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, v. 15, n. 4, p. 679-84, 2006.

CARL, M. R.; BERTOLOZZI, M. R. **O processo da análise de discurso**. In: Chianca TM, Moraes MJ, organizadores. *A Classificação Internacional das Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva-CIPESC*. Brasília (DF): ABEn; 1999. p. 348-55.

CARLINI-COTRIM, B. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 285-93, 1996.

CARVALHEDO, D. N. S. Hábitos alimentares e estado nutricional de docentes da área da saúde de uma instituição de ensino superior de Várzea Grande-MT durante a pandemia. **X Mostra de Trabalhos do Curso de Nutrição do UNIVAG**, v. 10, 2022.

CARVALHO, G. M. **Enfermagem do trabalho**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 236 p. ISBN – 9788527723640.

CASTRO, S. K. A.; MULATI, S. L.; MESQUITA, G. G.; FERREIRA, T. A. A importância da qualidade do sono no processo de aprendizagem em estudantes da área de saúde: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n.11, e326101119749, 2021.

CEMBRANEL, P.; FLORIANO, L.; CARDOSO, J. Mulheres em cargos de liderança e os seus desafios no mercado de trabalho. **Ciencias da Administração**, v. 22, n. 57, 2020.

CÉSAR FILHO, M. S. O.; BEZERRA, L. M.; MONTALVERNE, A. M. Ferramentas de apoio às atividades de monitoria participativa no ensino de engenharia em tempos de pandemia. **Educação Contemporânea**, v. 13, Metodologias 1º ed, cap. 2, p. 13. Belo Horizonte, 2021.

CHAN, M.; SHARKEY, J. D.; LAWRIE, S. I.; ARCH, D. A. N.; NYLUND-GIBSON, K. (2021). Elementary school teacher well-being and supportive measures amid COVID-19: Na exploratory study. **School Psychologist**, v. 36, n. 6, p. 533-545, 2021. doi: 10.1037/spq0000441.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). GeoCAPES. Sistema de informações georreferenciadas, 2020.

COVID-19 Mental Disorders Collaborators. Global prevalence and burden of depressive and anxiety disorders in 204 countries and territories in 2020 due to the COVID-19 pandemic. **Lancet**, v. 398, n. 10312, p. 1700-1712, 2021.

SILVA JUNIOR, J. R. **The new brazilian university: a busca por resultados comercializáveis**. Bauru: Canal 6, 2017.

CRUZ, V. F. E. S.; TAGLIAMENTO, G.; WANDERBROOCKE, A. C. A manutenção da vida laboral por doentes renais crônicos em tratamento de hemodiálise: uma análise dos significados do trabalho. **Saúde Soc. São Paulo**, v.25, n.4, p.1050-1063, 2016.

DATASUS. **Painel Coronavirus**. 2023. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2023.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (Relatório Delors)**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998

DE MELLO, L. E. TRABALHO REMOTO E VIOLÊNCIAS DE CLASSE EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS1. **Pandemia, Trabalho e Educação**, p. 130.

DENG, S. Q.; PENG, H. J. Characteristics of and Public Health Responses to the Coronavirus Disease 2019 Outbreak in China. **J Clin Med. [Internet]**, v. 9, n. 2, p. E575, 2020. <https://doi.org/10.3390/jcm9020575>

DE OLIVEIRA, M. B.; SILVA, L. C. T.; CANAZARO, J. V.; CARVALHIDO, M. L. L.; SOUZA, R. R. C. D.; NETO, J. B.; RANGEL, D. P.; PELEGRINI, J. F. de M. O ensino híbrido no Brasil após pandemia do COVID-19. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 918–932, 2021.

DIESEL, A., BALDEZ, A.L.S., MARTINS, S.N., Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema, Lageado**, v. 4, nº 1, pag. 268 a 288, 2017.

DOS SANTOS, A. F. T. **Pedagogia do mercado: Neoliberalismo, trabalho e educação no século XXI**. Rio de Janeiro, RJ: Ibis Libris. 2012.

DO ROSÁRIO COSTA, N. *et al.* As Medidas de Enfrentamento à Pandemia da Covid-19 no Brasil na Percepção da População Atual nas Mídias Sociais. **Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz**, sp abr, 2020.

EDUCABRAS. **Faculdades no Estado de Minas Gerais**. Disponível em <<https://www.educabras.com/faculdades/estado/mg>>. Acesso em [22 abr 2021].

ELIAS, M. A. **Equilibristas na corda bamba: o trabalho e a saúde de docentes do ensino superior privado em Uberlândia/MG**, Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, 2014. 181 p.

FERREIRA, L. G.; FERRAZ, R. D.; FERRAZ, R. C. S. N. Trabalho docente na pandemia: discursos de professores sobre o ofício. **Fólio-Revista de Letras**, v. 13, n. 1, 2021.

FERREIRA, R. W.; *et al.* Acesso aos programas públicos de atividade física no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. **Cad Saude Publica**, v. 35, n. 2, p. e00008618, 2019.

FERREIRA, J. S.; CRUZ, R. P. V.; ASSIS, T. C.; DELLAGRANA, R. A. Comportamento sedentário de adultos e idosos durante a pandemia de COVID-19. **Health Biol Sci.**, v. 9, n. 1, p. 1-5, 2021.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988^a.

FRANCO, M. V.; REIS, K. P.; OLIVEIRA, R. B.; FIALHO, M. L.; SANTOS, H. L. Síndrome de Burnout e seu enquadramento como acidente do trabalho. **Intraciência Revista Científica FAGU**, ed. 17. 2019.

FUKUTI, P.; UCHO, A. C. L. M.; MAZZOCO, M. F.; CORCHS, F.; KAMITSUJI, C. S.; ROSSI, L.; *et al.* c. **CLINICS**, v. 75, n. e1963 , p. 1-3, 2020.

GARCIA, P. L.; FREITAS, S. R. L. **Consumo abusivo de álcool no Brasil: Resultados da Pesquisa Nacional de Saúde Epidemiol. Serv. Saúde** 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200005>. Acesso em 10 de fevereiro de 2023.

GCFGLOBAL. **Informática Básica - O que são hardware e software?** Disponível em: <https://edu.gcfglobal.org/pt/informatica-basica/o-que-sao-hardware-e-software-/1/>. Acesso em: 22 abr. 2021.

GEMELLI, C. E.; CLOSS, L. Q.; FRAGA, A. M. Multifformidade e pejotização: (re)configurações do trabalho docente no ensino superior privado sob o capitalismo flexível. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**, v. 26, n. 2, p. 409–438, 2020.

GEREZ, A. G.; BRACHT, V. As faces da precariedade do trabalho docente e as estratégias de ação de professores de Educação Física atuante no ensino superior privado mercantil. **Rev. Motriviv.**, v. 31, n. 60, e61672, 2019.

GOULART, J. O. **Teletrabalho: alternativa de trabalho flexível**. Brasília: SENAC, 2009.

GOUVÊA, L. A. V. N. As condições de trabalho e o adoecimento de professores na agenda de uma entidade sindical. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 40, ed. 111, p. 206-219, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201611116>.

GOOGLE. **Google forms**. Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>. Acesso em: 03 jun. 2021.

GUEDES, M. R.; ARAGÃO, R. C. Conversações de professores em uma notícia do “correio 24h on line” no contexto da pandemia da COVID-19. **Fólio-Revista de Letras**, v. 13, n. 2, 2021.

GUDMUNSDOTTIR, G. B.; HATHOWAY, D. M. We always make it work: Teachers’ agency in the time of crisis. **Journal of Technology and Teacher Education**, v. 28, n. 2, p. 239–250, 2020.

HARRIS, B.; MCCLAIN, M. B.; O’LEARY, S.; SHAHIDULLAH, J. D. Implications of COVID-19 on school services for children with disabilities: Opportunities for interagency collaboration. **Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics**, v. 42, n. 3, p. 236–239, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1097/DBP.0000000000000921>.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 35, n.2, p.115-21, 2001.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2018** [recurso eletrônico]. – Brasília: INEP, 2020a. 99 p.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **ENADE 2020**. 2020b. Disponível em <<http://enade.inep.gov.br/enade/#!/relatorioCursos>>. Acesso em [10 mar 2021].

KOVAC, F.; MEMISEVIC, H.; SVRAKA, E. Mental Health of Teachers in Bosnia and Herzegovina in the Time of COVID-19 Pandemics. **Materia socio-medica**, v. 33, n. 4, p. 257-261, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5455/msm.2021.33.257-261>.

KRAEMER, K.; MOREIRA, M. F.; GUIMARÃES, B. Dor musculoesquelética e riscos ergonômicos em docentes de uma instituição federal. **Rev Bras Med Trab**, v. 18, n. 3, p. 343-351, 2020.

KUBO, S. H.; GOUVÊA, M, A. Análise de fatores associados ao significado do trabalho. **Revista de Administração**, v. 47, n. 4, p. 540-554, 2012.

LACAZ, F. A. C. O campo Saúde do Trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. **Cad Saude Publica**, v. 23, n. 4, p. 757-766, 2007.

LAURELL, A. C.; NORIEGA, M. **Processo de produção e saúde: Trabalho e desgaste operário**. São Paulo, SP: HUCITEC. 1989.

LIMA, A. F. R.; *et al.* Medidas de distanciamento social para o enfrentamento da COVID-19 no Brasil: caracterização e análise epidemiológica por estado. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 36, n. 9, p. 1-15, 2020.

MASETTO, M. T. Docência no Ensino Superior: quando ela faz a diferença na vida do aluno. **Rev. Diálogo Educ.**, v. 22, n. 74, p. 1316-1338, 2022.

MATTOS, J. G. S. Dores osteomusculares e o estresse percebido por docentes durante a pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, e25110615447, 2021.

MCFAYDEN, T. C.; BREAUX, R.; BERTOLLO, J. R.; CUMMINGS, K.; OLLENDICK, T. H. COVID-19 remote learning experiences of youth with neurodevelopmental disorders in rural Appalachia. **Journal of Rural Mental Health**, v. 45, n. 2, p. 72-85, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1037/rmh0000171>.

MEDEIROS, A. M. S. Docência no ensino superior: dilemas contemporâneos. **R. Faced**, Salvador, v. 1, n. 12, p. 71-88, 2007.

MENEZES, K. M. G.; MARTILIS, L. F. S.; MENDES, V. P. S. Pandemia da COVID-19: trabalho e saúde docente. Os impactos do ensino remoto para a saúde mental do trabalhador docente em tempos de pandemia. **Universidade e sociedade**, Ano XXXI - Nº 67 - janeiro de 2021.

MOREIRA, D. Z.; RODRIGUES, M. B. “Saúde mental e trabalho docente”. **Estudos de Psicologia**, v. 23, n. 3, 2018.

NEVES, C. O. Vírus da desigualdade - Os Impactos do COVID-19 na vida da mulher. **Revista Jus Navigandi**. 2020.

NOVAES, H. M. D. Avaliação de programas, serviços e tecnologias em saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 34, n. 5, p. 547-559, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v34n5/3227.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2020.

OLIVEIRA, Z. M.; FREITAS, L. M. A.; SANTOS, N. C. N.; *et al.* Estratégias para retomada do ensino superior em saúde frente a COVID-19. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, Edição Especial COVID19, e020008, p. 1-21, 2020.

OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A. M. O.; CORDEIRO, E. M.; SAAD, N. S. Grupo focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa? **Cadernos da Fucamp**, v.19, n.41, p.1-13. 2020.

OLIZ, M. M.; DUMITH, S. C.; KNUTH, A. G. Utilização de serviços de educação física por adultos e idosos no extremo sul do Brasil: estudo de base populacional. **Cien Saude Colet**, v. 25, n. 2, p. 541-552, 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). Metade dos alunos fora da escola não tem computador em casa. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Uso de álcool durante a pandemia de COVID-19 na América Latina e no Caribe Brasília**. 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52936/OPASNMHMHCOVID19200042_por.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em: 08 de fevereiro de 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Vacinas contra a COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/vacinas-contracovid-19>. Acesso em: 14 de janeiro de 2023.

OUR WORLD IND DATA. Daily new confirmed COVID-19 deaths per million people. 2023a. Disponível em: <https://ourworldindata.org/explorers/coronavirus-data-explorer>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2023.

OUR WORLD IND DATA. Coronavirus (COVID-19) Vaccinations. 2023b. Disponível em: <https://ourworldindata.org/covid-vaccinations>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2023.

OZAMIZ-ETXEBARRIA N, IDOAGA MONDRAGON N, BUENO-NOTIVOL J, PÉREZ-MORENO M, SANTABÁRBARA J. Prevalence of Anxiety, Depression, and Stress among Teachers during the COVID-19 Pandemic: A Rapid Systematic Review with Meta-Analysis. **Brain Sciences**, v. 11, n. 9, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/brainsci11091172>.

PALMA-VASQUEZ, C.; CARRASCO, D.; HERNANDO-RODRIGUEZ, J.C. Mental Health of Teachers Who Have Teleworked Due to COVID-19. **Eur. J. Investig. Health Psychol. Educ.**, v. 11, p. 515-528, 2021. <https://doi.org/10.3390/ejihpe11020037>.

PEREIRA, H. P.; SANTOS, F. V.; MANENTI, M. A. Saúde Mental de Docentes em Tempos de Pandemia: os impactos das atividades remotas. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, ano II, v. 3, n. 9, Boa Vista, 2020. <http://doi.org/10.5281/zenodo.3986851>

PINHO, P. S.; et al. Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021.

PIOVEZAN, P. R. **As políticas educacionais e a precarização do trabalho docente no Brasil e em Portugal**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

PONTES, F. R.; ROSTAS, M. H. S. G. Precarização do trabalho do docente e adoecimento. **Revista Thema**, [S.L.], v. 18, p. 278-300, 2020.

PHILLIPS, L. G.; CAIN, M., RITCHIE, J.; CAMPBELL, C.; DAVIS, S.; BROCK, C., BURKE, G.; COLEMAN, K.; JOOSA, E. Surveying and resonating with teacher concerns during covid-19 pandemic. **Teachers and Teaching: Theory and Practice**, v. 1, n. 18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/13540602.2021.1982691>.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C.; CAVALLET, V. J. Docência e ensino superior: construindo caminhos. In: BARBOSA, R. L. L. (org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 267-278.

PINHO, P. S. *et al.* Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021, e00325157. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00325

PONTES, F. R.; ROSTAS, M. H. S. G. Precarização do trabalho do docente e adoecimento. **Revista Thema**, [S.L.], v. 18, p. 278-300, 2020.

QUEIROGA, V. V.; *et al.* A pandemia da Covid-19 e o aumento do consumo de álcool no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n.11, e568101118580, 2021.

QUEROBOLSA. **QueroBolsa**. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/>. Acesso em: 22 abr. 2021.

RAFAEL, R. M. R.; NETO, M.; CARVALHO, M. M. B.; DAVID, H. M. S. L.; ACIOLI, S.; FARIA, M. G. A. Epidemiologia, políticas públicas e pandemia de COVID-19: o que esperar no Brasil? **Revista Enfermagem UERJ**, [S.l.], v. 28, p. e49570, 2020. doi:<https://doi.org/10.12957/reuerj.2020.49570>.

RALPH, R.; LEW, J.; ZENG, T.; FRANCIS, M.; *et al.* 2019-nCoV (Wuhan virus), a novel Coronavirus: human-to-human transmission, travel-related cases, and vaccine readiness. **J Infect Dev Ctries** [Internet], v. 14, n. 1, p. 3-17, 2020.

ROBORTELLA, L. C. A. **O moderno Direito do Trabalho**. São Paulo: LTr, 1994

ROSSETO, L. P.; *et al.* Relatos de experiências de professores do nível superior no processo de ensino-aprendizagem durante à pandemia covid-19. **Anais do Seminário de Atualização de Práticas Docentes**, v. 2, n. 2, 2022.

SANTOS, E. A. D.; CAMPOS, G. H. F.; SALLABERRY, J. D.; SANTOS, L. M. R. D. Experiências com o Ensino Remoto e os Efeitos no Interesse e na Satisfação dos Estudantes de Ciências Contábeis Durante a Pandemia da Sars-Cov-2. **Revista Gestão Organizacional**, v. 14, n. 1, p. 356-377, 2021.

SANTOS NETO, A. B. **Trabalho e tempo de trabalho na perspectiva marxiana**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013. 168 p.

SCHIMIGUEL, J.; FERNANDES, M. E.; OKANO, M. T. Investigando aulas remotas e ao vivo através de ferramentas colaborativas em período de quarentena e Covid-19: relato de experiência. **Research, Society and Development**, v. 9, n.9, e654997387, 2020.

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. Pandemia da COVID-19: trabalho e saúde docente. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e sociedade**, Ano XXXI - Nº 67 - janeiro de 2021

SCHNEIDER, E. M.; LIMA, B. G. T.; TOMAZINI NETO, B. C.; NUNES, S. A. O Uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC): possibilidades para o ensino (não) presencial durante a pandemia COVID-19. **Revista Científica Educ@ção**, v. 4, n. 8, p. 1071-1090, out. 2020.

SHAW, K. **Colleges expand VPN capacity, conferencing to answer COVID-19**. Network World (*on-line*), Apr 2, 2020.

SHIROMA, E. O. Política de profissionalização: aprimoramento ou desintelectualização do professor? **Intermeio, Campo Grande**, v. 9, n. 17, p. 64-83, 2003.

SHRESTHA AB, ARYAL M, MAGAR JR, SHRESTHA S, HOSSAINY L, RIMTI FH. The scenario of self-medication practices during the covid-19 pandemic; a systematic review. **Ann Med Surg (Lond)**, v. 82, n. 31, p. 104482, 2022.

SILUS, A.; FONSECA, A. L. C.; JESUS, J. L. N. Desafios do ensino superior brasileiro em tempos de pandemia da COVID-19: repensando a prática docente. **Liinc em Revista**, v.16, n.2, e5336, 2020.

SILVA, A. A. M. Sobre a possibilidade de interrupção da epidemia pelo coronavírus (COVID-19) com base nas melhores evidências científicas disponíveis. **Rev. bras. Epidemiol.**, v. 23, n. e200021, p. 1-3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200021>

SILVA, A. F.; ESTRELA, F. M.; LIMA, N. S.; ABREU, C. T. A. Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 30, n. 2, p. 1-4, 2020.

SILVA, A. H; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**. Campina Grande, v. 17, n. 1, 2015. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>.

SILVA JUNIOR, J. R. **The new brazilian university: a busca por resultados comercializáveis**. Bauru: Canal 6, 2017.

SOARES, M. I.; CAMELO, S. H. H.; RESCK, Z. M. R. A técnica de grupo focal na coleta de dados qualitativos: relato de experiência. **REME - Rev. Min Enferm.**, v. 20: e942, p. 1-5, 2016. Disponível em: DOI: 10.5935/1415-2762.20160012

SOUZA, K. R. *et al.* Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021, e00309141. DOI: 10.1590/1981-7746-so100309.

SOUZA, F. A. S.; LEMOS, A. H. C.; CAVAZOTTE, F. DE S. C. N.; MALVA, T. R. J. Atraindo novos funcionários para empresas de alta performance: uma crítica às razões dos profissionais de recursos humanos. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 1, p. 103-120, 2015.

STEED, E. A.; LEECH, N. Shifting to remote learning during covid-19: Differences for early childhood and early childhood special education teachers. **Early Childhood Education Journal**, v. 49, n. 5, p. 789-798, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10643-021-01218-w>

TANAKA, O.; MELO, C. **Reflexões sobre a avaliação em serviços de saúde e a adoção das abordagens qualitativa e quantitativa.** In: BOSI, M. L. M.; MERCADO, F. J. (Org.). Pesquisa qualitativa de serviços de saúde. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 121-136.

TORALES, J.; O'HIGGINS, M.; CASTALDELLI-MAIA, J. M.; VENTRIGLIO, A. The outbreak of COVID-19 coronavirus and its impact on global mental health. **Int J Soc Psychiatry**, v. 66, n. 4, p. 317-320. 2020. DOI: 10.1177/0020764020915212.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área de saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**, v. 39, n.3, p. 507-14. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf>.

TRAD, L. B. Grupos Focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisa de saúde. **Physis**, v.19, n. 3, p. 777-96, 2009.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Manual para Classificação dos Cursos de Graduação e Sequenciais - Cine Brasil 2018.** 2018, 144 p. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2018/Manual_Preliminar_para_a_Classificacao_dos_Cursos_Cine_Brasil_2018.pdf>. Acesso em [10 mar 2021].

UNITED NATIONS. **Policy Brief: Education During COVID-19 and Beyond.** Available *on-line* at: <https://unsdg.un.org/resources/policy-brief-educationduring-covid-19-and-beyond>, 2020.

VIAN, H. C. A educação como mercadoria digital: antecedentes e a situação geográfica da educação superior a distância no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia Econômica**, v. 24, n. 24, p. 1-19, 2022.

VIEIRA, M. C. D.; DE ARRUDA, L. F.; HASHIZUME, C. M. Políticas públicas educacionais e pandemia: reflexões sobre a saúde mental a partir de depoimentos de docentes. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, v. 11, n. 25, p. 340-362, 2021.

WARBURTON, D. E. R., BREDIN, S. S. D. Health benefits of physical activity: a systematic review of current systematic reviews. **Curr Opin Cardiol.**, v. 32, n. 5, p. 541-556, 2017.

WHO - World Health Organization. [Internet]. **Novo Coronavírus 2020.** Disponível em <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>>. Acesso em [22 mar 2020].

WHO - World Health Organization. [Internet]. **Doença por coronavírus (COVID-19) Painel de situação.** Disponível em: <https://covid19.who.int/region/amro/country/br>. Acesso em [22 mar 2020].

WHO - World Health Organization... [Internet].. (WHO director-general's opening remarks at the media briefing on COVID-19 – 11 March 2020. World Health Organization. <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19-11-march-2020>.

WIKLE, T. A.; FAGIN, T. D. Hard and Soft Skills in Preparing GIS Professionals: Comparing Perceptions of Employers and Educators. **Transactions in GIS**, v. 19, n. 5, p. 641–652, 2015. <https://doi.org/10.1111/tgis.12126>

ZAIDAN, J. M.; GALVÃO, A. C. “COVID19 e os abutres do setor educacional: a superexploração da força de trabalho escancarada”. In: AUGUSTO, C. B.; SANTOS, R. D. (orgs.). **Pandemias e pandemônio no Brasil. São Paulo: Instituto Defesa da Classe Trabalhadora**, 2020.

ZILLMER, J. G. V.; SILVA, D. M. G. V. Tecendo reflexões sobre sofrimento social e doença renal crônica. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 6, n. 1, p. 145-153, 2016.

ZURAWSKI, R. L.; BOER, N.; SCHEID, N. M. J. O professor e os novos contextos de ensino: uma abordagem teórico-metodológica em tempos de pandemia. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Humanas, v. 21, n. 2, p. 81-93. 2020.

ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO A – APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Título da Pesquisa: Implicações na Saúde do Trabalhador Docente do Ensino Superior Privado no Contexto da Pandemia pela COVID-19

Pesquisador Responsável: Liliane Parreira Tannús Gontijo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 52275221.9.0000.5152

Submetido em: 03/11/2021

Instituição Proponente: Instituto de Geografia

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “IMPLICAÇÕES NA SAÚDE DO TRABALHADOR DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO NO CONTEXTO DA PANDEMIA PELA COVID-19”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Zelma José dos Santos e Doutora Liliane Parreira Tannús Gontijo - do Programa de Pós-graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador, vinculado ao Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Nesta pesquisa nós estamos buscando conhecer a influência do processo de trabalho docente na saúde dos professores que atuam no ensino superior privado.

O Termo/registo de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pelo pesquisador Zelma José dos Santos, mediante um convite por meio eletrônico, juntamente com este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Deixamos claro que você tem o tempo que julgar necessário para ler e assinar o TCLE, conforme item IV da Resolução CNS 466/12.

Na sua participação, você irá responder a um questionário socioprofissional e demográfico para abordar questões relativas aos dados de caracterização sociodemográficas e socioeconômicas, e realização de grupo focal com os participantes da pesquisa. O Questionário será composto de 18 perguntas semi-estruturadas e o tempo estimado para preenchimento do questionário é de 20 (vinte minutos) à 40 (quarenta) minutos. A técnica de Grupo Focal é composta de 04 itens, com tempo estimado para realização da técnica é aproximadamente 60 (sessenta minutos) à 120 (cento e vinte) minutos.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

A aplicação do questionário e a pesquisa qualitativa (que será feita mediante o grupo focal) serão realizados pelo meio remoto (online), utilizando a Plataforma Zoom; a ferramenta dos Formulários do Google (Google Forms) e aplicativo de mensagens WhatsApp.

Os riscos consistem em identificação dos participantes da pesquisa, porém todos os cuidados serão observados para que isso não ocorra. As pesquisadoras serão as únicas a terem acesso aos dados e tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo. A sua identidade não será revelada em nenhum momento. Você será identificado utilizando um código criado aleatoriamente pelas pesquisadoras sem relação com o seu nome ou quaisquer outros dados seus (sem utilização das iniciais ou outros itens que poderiam identificá-lo).

Os benefícios dessa pesquisa serão os conhecimentos produzidos acerca das condições de saúde nos níveis físico, emocional e psicológico que acometem os docentes da área de saúde, de instituição de ensino superior privada, diante das novas atividades e metodologias de ensino em tempos de pandemia por COVID-19. Este estudo contribuirá para os conhecimentos científicos e práticos multiprofissionais, bem como, auxiliar no planejamento e na implementação de possíveis estratégias protetivas para a manutenção e/ou para a melhoria da assistência prestada aos docentes que tiveram sua saúde física, emocional e psicológica impactadas pela pandemia do COVID-19.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Zelma José dos Santos, Av. Lazara Alves Ferreira, 89, apto 201, B. Santa Mônica, Cep: 38.408-092, Uberlândia/MG - fone: (34) 98887-5688, e-mail: zelma.santos@ufu.br ou com sua orientadora: Dra. Liliane Parreira Tannús Gontijo fone: (34) 99977-1910, e-mail: lilianetannus1@gmail.com. Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link:

https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf.

Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131 ou pelo e-mail cep@propp.ufu.br. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE B – CARTA CONVITE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Programa de Pós-graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador - PPGAT (Mestrado Profissional)

Senhor (a) Coordenador (a) do Curso da área da saúde dessa digníssima Instituição de Ensino Superior Privada,

Vimos respeitosamente, mediante esse e-mail, eu e minha orientadora solicitar seu apoio para a nossa pesquisa de mestrado profissional. Meu nome é Zelma Santos, sou médica, pediatra, de Araguari/MG, docente do curso de medicina do Centro Universitário do IMEPAC.

Sou mestranda da UFU, na linha de saúde do trabalhador, pelo Instituto de Geografia do Programa de Pós-Graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador (PPGAT/IG/UFU), e o motivo do meu contato refere-se ao meu projeto de pesquisa, intitulado: “Implicações na saúde do trabalhador docente do ensino superior privado no contexto da pandemia pela covid19”

Dessarte, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, onde será utilizado a técnica de grupo focal, na modalidade remota (online), com docentes da área da saúde, para avaliar possíveis alterações no estado de saúde de trabalhadores docentes de Instituições de ensino superior privado de cursos da área da saúde, mediante a pandemia/isolamento social pela COVID-19, decorrente da aplicação de novas condições e processos de trabalho por meio do ensino remoto emergencial.

A população alvo deste estudo será de docentes que estão na ativa nesse momento pandêmico, participantes de cinco cursos de graduação, no formato presencial (e remoto), mais procurados, da área da saúde de IES privadas, da região do Triângulo Norte, Minas Gerais, sendo eles: medicina, odontologia, medicina veterinária, fisioterapia e enfermagem.

Nesse interim, gostaria de saber, se na condição de coordenador (a) de curso da área da saúde, de uma IES privada, poderia contar com sua colaboração, participando e/ou informando se permanece o quadro de docentes divulgados no site de sua instituição e atualizar algumas variáveis de interesse do estudo para recrutamento dos docentes, sendo elas: gênero, faixa etária, formação profissional, titulação, área de atuação, tipo de vínculo empregatício, tempo de formado e de docência, preparação e acesso a tecnologias digitais.

Salienta-se a tripla garantia de sigilo, isto é, quanto aos nomes das cidades sede, assim como das IES privadas e seus docentes envolvidos nesse estudo, não serão identificados em hipótese alguma, em nenhum momento da análise, divulgação e publicação dos resultados sendo tratados por códigos alfanuméricos e nomes fictícios, resguardando a preservação da identidade e dos processos de trabalho, o sigilo e a garantia de anonimato.

Estou à disposição para esclarecimentos e maiores informações que se fizerem necessárias. Caso confirme seu apoio e/ou participação no estudo, encaminhar-lhe-ei o projeto e o convite formal para verificar possibilidade de agendamento na participação do grupo focal.
Atenciosamente,

Zelma J. dos Santos

ZELMA JOSÉ DOS SANTOS
GONTIJOMESTRANDA – PPGAT/UFU

Prof. Dra. LILIANE PARREIRA TANNÚS
ORIENTADORA PPGAT/UFU

**LISTA DE CONTATOS
E-MAILS INSTITUCIONAIS PÚBLICOS**

(Não serão divulgados, nesse momento, os e-mails dos docentes, apenas da Instituição sede)

Cidade	Cursos da Área da Saúde	E-mail Institucional
Araguari	Medicina Enfermagem Medicina Veterinária	██████████.edu.br
Coromandel	Medicina Veterinária	pedagogico@██████████.edu.br secretaria@██████████.edu.br
Ituiutaba	Enfermagem Medicina Veterinária Odontologia	contatoitba@██████████.edu.br
Monte Carmelo	Fisioterapia Medicina Veterinária	fisioterapia@██████████.edu.br veterinaria@██████████.edu.br
Patrocínio	Enfermagem Fisioterapia Medicina Veterinária	enfermagem@██████████.edu.br fisioterapia@██████████.edu.br veterinaria@██████████.edu.br
Uberlândia	IES 1: Enfermagem Fisioterapia Medicina Veterinária Odontologia	██████████.edu.br
	IES 2: Fisioterapia Medicina Veterinária Odontologia	https://www.una.br/unidades/██████████uberlandia/
	IES 3: Enfermagem Fisioterapia Medicina Veterinária Odontologia	
	IES 4: Enfermagem Fisioterapia	██████████.edu.br
	IES 5: Enfermagem Medicina Veterinária	atendimento@██████████uberlandia.com.br

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E ROTEIRO DE ENTREVISTA GRUPO FOCAL

Dados sociodemográficos:

Código: _____ Sexo: ___ F ___ M

Data de nascimento: ___ / ___ / ___

Estado civil ___ s ___ c ___ d _____ outros _____

Filhos: _____ idade filhos: _____

Graduação-curso e ano: _____

Pós-graduação: _____

Mestrado () Doutorado ()

Área de atuação _____

Tempo de docência: _____

Outras atividades profissionais: _____ quais: _____

Tipo de vínculo empregatício na IES _____

Carga horária na docência: _____

Carga horária em outras atividades: _____

Faixa salarial: ___ 1-3 salários mínimos ___ 4-6 ___ 7-8 ___ acima 9

Renda familiar: _____

Período em que trabalha: _____

Preparação e acesso a tecnologias digitais _____

Oferecido pela IES () Particular ()

Roteiro do Grupo Focal:

1. Vida profissional:

A. Trajetória profissional até dos dias atuais. Expectativas e realidade.

B. Rotina de trabalho. Contrato de trabalho. Atividades realizadas. Carga horária. Número de disciplinas e alunos. Trabalho em casa (adaptar a rotina de trabalho para o ambiente doméstico).

Descrição de um dia de trabalho. Condições de trabalho. Sensações após um dia de trabalho.

Tempo de descanso. Forma de descanso.

C. Novas tecnologias uso e intervenção. Precisou aprender, se apropriar e dominar ferramentas *on-line* de ensino remoto? Já tinha domínio das tecnologias? Há pressão para aperfeiçoamento delas? Como tem lidado com as novas tecnologias?

D. Planejamento do trabalho e execução. Há controle por parte de instituição quanto a isso? obrigação de ressignificar seus conhecimentos, houve ampliação das exigências para produtividade com reconhecimento pela instituição?

E. Você realiza atividades extraclasse? Quantas horas? Você recebe pelas horas extraclasse? Há exigências para estar disponível para participar de conferências virtuais em horários nem sempre compatíveis com o de trabalho presencial? disponibilidade ininterrupta para atendimento de alunos, de forma *on-line*.

F. A faculdade te oferece condições adequadas para a execução do seu trabalho? O que falta? Tem medo da perda do emprego?

G. Qual(is) sua(s) percepção(ões) sobre a aprendizagem dos alunos quanto ao ensino presencial e remoto? Qual seria melhor para proporcionar maior nível de aprendizado?

2. Saúde:

A. Descreva sua saúde. Apresentou problemas de saúde no último ano? Causado pelo que? Uso de medicamentos? Frequência que faz avaliação médica. Tem alguma doença crônica não transmissível (obesidade, HA, DM)? Usa medicação contínua? Qual? Fez ou faz acompanhamento psicológico ou psiquiátrico? Pensou em fazer? Foi encaminhado? Já ficou afastado do trabalho? Motivo. Como você descreveria sua saúde em geral e sua saúde mental, antes e depois da pandemia? Como vê a questão da vacina para a COVID-19 na sua classe profissional?

B. Apresenta (ou) algum dos seguintes problemas de saúde no último ano: (frequência)

- Dor de cabeça
- Dor de estomago
- Gastrite
- Enxaqueca
- Hipertensão
- Alergia
- Rouquidão
- DORT/LER

- Nervosismo
- Ansiedade
- Insônia
- Irritação ou impaciência
- Dores no corpo
- Desânimo/ desmotivação
- Excesso de apetite
- Ganho de peso considerável
- Aumento da vontade de fumar
- Dificuldade de concentração
- Tristeza sem causa aparente
- Falta de apetite
- Aumento da vontade de usar bebidas alcoólicas
- Memória (esquecimento)
- Baixa autoestima
- Medo/ insegurança
- Outros _____

C. Como faz para relaxar? Já usou álcool para isto? Sabe de colegas que fazem uso de substâncias lícitas ou ilícitas para relaxar? Você fuma?

D. Sabe de colegas que tenham tido crises nervosas no trabalho?

3. Lazer:

A. Atividade que realiza para lazer. Quantas vezes por semana. O que faz quando não está trabalhando. Como fica a vida familiar. Parcerias e filhos.

B. Sono. Quantas horas de sono por dia. Tem facilidade para dormir. Usa ou usou medicamentos para dormir?

C. O que é ser saudável para você. Faz atividade física. Está satisfeito com seu corpo e sua saúde?

4. Sofrimento e prazer no trabalho:

A. O que te dá prazer na profissão

B. O que te dá prazer na vida

- C. O que traz sofrimento no trabalho
- D. O que falta para sentir prazer?
- E. Com que frequência você se sente realizado no trabalho
- F. Com que frequência sente desprazer e desconforto no trabalho
- G. Após um dia de trabalho você está: _____
- H. Após uma semana de trabalho você está: _____

**APÊNDICE D – CONSOLIDADO DOS DEPOIMENTOS DO GRUPO FOCAL,
AGRUPADOS EM CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS.**

Quadro 1. Categoria: Vida profissional.

Subcategoria	Depoimentos
Rotina de trabalho	<p>[...] cair de paraquedas [...] já na pandemia e tive muita dificuldade tanto pra me adaptar na rotina [nome da IES] quanto na rotina de aulas remotas, isso foi extremamente agonizante pra mim, porque eu já tinha experiência prévia com docência sim, mas nunca com ensino a distância (E02)</p> <p>[...] tendo de aprender a rotina da universidade, pedindo ajuda ao máximo que eu conseguia para outros professores [...] E03</p> <p>Meu grande prazer [...] é ver o brilho nos olhos dos meninos, às vezes por aprender coisas simples, [...] ter esse prazer de volta, [...] o compromisso com a profissão, a questão do aprendizado isso também tem me gera muita, muita alegria nos últimos tempos (E02)</p> <p>Para mim dentro da docência é o prazer realmente de ensinar, de ver e de fazer a diferença na vida de alguém, [...] fazer a diferença na vida deles e os torna- lós pessoas melhores (E01)</p> <p>O meu prazer é o ensinar e a alegria dos meninos, eu acho que aquela alegria contagiante (E04)</p> <p>O meu prazer é pensar que eu posso estar contribuindo para a evolução dessas pessoas, seja profissional, pessoal, essa oportunidade o que a docência nos permite [...] (E06)</p> <p>Eu acho que o prazer é de estudar e estar ensinando outras pessoas, melhorando a vida delas, contribuindo para a pessoa ser um bom profissional (E03)</p> <p>[...] É ver a evolução, é ver o crescimento, é ver a gente, aquele aluninho que entra no primeiro período e como ele sai de lá no final do curso, então é um prazer a gente ter essa evolução, poder compartilhar um pouquinho do nosso conhecimento, e ver que muitos deles [...] Valorizam, apesar de alguns não valorizarem, alguns valorizam muito, mas é um prazer ter a arte de poder ensinar (E05)</p>
Preparação docente para aulas remotas	<p>[...] eu me cobrava isso e sentia sim uma expectativa muito grande por parte do ambiente que eu me encontrava [...] eles (IES) são muito assertivos, eles não falavam ‘você precisam prender a atenção dos alunos’, eles falavam, ‘você consegue prender a atenção do aluno, vocês são fantásticos, então vocês vão dar conta’, então é nesse estilo a pegada deles, o que é muito acolhedor mas é uma prisão, é uma prisão meio sei lá velada (E06) O [...] foi fantástico no sentido de nos dar suporte [...] fazia treinamento de duas horas, 3, 4 vezes por semana [...] (E06)</p> <p>Em relação a capacitação, a IES providenciou desde o começo [...]. O pessoal é muito aberto, são muito prestativos, então a gente tinha um canal direto com eles para tirar dúvidas [...] (E08)</p> <p>Tive muita dificuldade, tanto pra me adaptar na rotina da IES quanto à rotina de aulas remotas [...]. Eu já tinha experiência prévia com docência sim, mas nunca com ensino a distância, não tive treinamentos, treinamento zero pra mim [...] (E02)</p>
Mudanças nas demandas de trabalho docente com a chegada da pandemia	<p>[...] alunos [...] perderam a noção de urgência, então era <i>WhatsApp</i> o tempo inteiro, o tempo inteiro mesmo, mesmo eu não sendo gestora era mensagem desde madrugada até muito cedo, eu não parei no meu outro trabalho [...] (E02)</p> <p>[...] acabar a aula e já estar em casa, eu gostei bastante disso [...]. Um ponto positivo de dar aula aqui da minha casa eu devo dizer que eu fiquei bem confortável [...] (E01)</p> <p>[...] a perspectiva de trabalhar em casa [...] para mim foi muito reconfortante, e então esse foi um aspecto que no início me deu muito gás [...] (E06)</p> <p>[...] foi bom estar em casa, estar em família, poder estar em casa [...], mas em contra partida eu trabalhei mais, é porque a demanda de alunos e professores foi bem grande nesse período de pandemia, [...] eu tinha o conforto de estar em casa, mas eu não trabalhava só 40 horas semanais, com certeza não, trabalhava além disso [...] (E05)</p>

	<p>[...] acabava que meio que sobrecarregou também um pouco da carga horária, assim não estou reclamando, mas em relação a toda a demanda dessa pandemia, meio que dá uma desestruturada boa</p> <p>[...] não sei se eu atendi as expectativas (E08)</p> <p>[...] aí então eu fiquei muito cansada, trabalhei demais, eu tinha em torno 25 horas de aula por semana eu dava muita aula, eu preparava muita aula eu vivia só pra aula, e enfiada na minha casa, a minha vida por um ano foi preparar e dar aula [...] (E06)</p> <p>[...] nós ficamos um pouco sufocados com tanta demanda, de cursos [...] a demanda triplicou, quadriplicou na verdade [...] (E08)</p> <p>Eu tive um momento de perder foco e ter mil coisas e não fazer nenhuma 100%, aí eu mesma falei, para, vamos lá, uma coisa de cada vez e agora eu estou na minha reeducação de voltar pro foco 100% (E06)</p> <p>Multitarefa, mas é um perfil muito meu. Mas o cansaço nos rouba (E08)</p> <p>Na pandemia eu ficava exausta após a aula, porque eu saía triste, chorando, sozinha e ficava pensando o que eu podia fazer pra melhorar pra próxima aula. Agora atualmente, eu ando muito cansada mesmo, toda sexta-feira eu estou exausta (E01)</p> <p>Na pandemia exausta. Ao final da semana de trabalho eu estou elétrica (atualmente) (E08)</p> <p>Na pandemia: exaurida e agora: missão cumprida (E04)</p>
<p>Dificuldades e medos com as aulas remotas</p>	<p>O que me mais me abalou foi a solidão nas salas. Nunca ninguém abria a boca para nada. [...] E o desprazer? Dessa profissão? Pra, eu, na verdade é o desinteresse do aluno, é você querer ensinar para quem não quer aprender [...] Outra coisa que me incomodou muito foram as provas <i>on-line</i>. Todos com notas altas sem saber nada. Hoje sofro porque percebo um buraco enorme no conhecimento deles (E01)</p> <p>O desprazer é o desinteresse meio somado com soberba [...] (E02)</p> <p>Desprazer de saber o tanto que o aluno é desinteressado [...] (E03)</p> <p>Desprazer é quando são desinteressados [...] (E04)</p> <p>Parecendo que a aula da gente tá horrível, desrespeitado [...] desrespeitado demais [...] (E07)</p> <p>Meu desprazer os últimos anos tem sido relacionado as grandes perdas que a educação superior no Brasil tem sofrido, em função das políticas públicas, [...] uma grande destruição do ensino superior [...] a questão da migração da educação à distância, a carga horária virtual. Eu tenho 22 anos de docência e eu tenho assistido ano após ano sempre soluções que são em prol do capitalismo ao invés da Educação, essa é a minha tristeza na docência (E06)</p> <p>Meu desprazer é muitas das vezes eu estar por exemplo em uma instituição privada e não ter condições às vezes de fazer coisas que eu gostaria de fazer, ou às vezes ter que seguir regras que às vezes eu não concordo. Não poder às vezes mudar algumas coisas, porque a gente tem que seguir algumas regras relacionadas às instituições privadas, [...] também compartilho desse mesmo desprazer com ela (E06), que muitas das vezes o que a gente vê hoje em dia, são soluções em prol do financeiro, do capitalismo, que é isso vai de acordo nitidamente com a qualidade do ensino (E05)</p> <p>[...] porque a gente já montava aulas em Power Point, [...] mas não era um domínio total, me sentia à vontade assim não, principalmente com gravação, com voz, com transmissão, não tinha esse hábito, eu era muito acostumada mesmo só aula na projeção no Power Point presencial com os alunos, isso aí a gente teve que se adaptar, então eu tive que adaptar com espaço, internet, equipamentos, e eu tenho uma</p>

	<p>carga horária de 44 horas semanais, então puxado, na grande maioria, na maior parte do tempo eu estava em aula e eu tenho as outras 20 horas de gestão [...] E05</p> <p>[...] no começo os meus medos [...]o primeiro era de ser mandada embora [...]. Meu medo é porque começou a ter vasão de aluno, alguns alunos começaram a sair, e ali então o meu primeiro medo era realmente ser mandado embora da faculdade ou ter a diminuição da minha carga horária, porque esse é meu único emprego, só trabalhava ali e eu dependia dessas aulas [...] e não era uma carga horária muito alta [...] (E01)</p> <p>Estou bem desanimada. Para mim o que funciona é o presencial 100% [...] Mas também não sei se sou eu que tenho que me adaptar. O sofrimento é imenso (E01)</p> <p>Presencial 100% (E02)</p> <p>100% presencial (E03)</p> <p>Totalmente presencial (E04)</p> <p>Presencial sempre é muito melhor, extremamente rico, mas, acredito que haverá sim a inserção do ensino híbrido (E08)</p>
--	---

Quadro 2. Categoria: Saúde

Subcategoria	Depoimentos
Descreva sua saúde	<p>Não tive COVID-19 na época. Tive recentemente em janeiro/2022 (E01)</p> <p>Não tive (E02)</p> <p>Não tive COVID-19 (E03)</p> <p>Em relação as vacinas tomei 3 doses (E01)</p> <p>Engordei 12 kg e me afetou o psicológico. Muito mesmo. Não fiz terapia. [...] Comecei a fazer exercícios em casa. Emagreci e fiquei bem (E01)</p> <p>Minhas enxaquecas e crises de sinusite aumentaram muito [...] comecei a trocar de medicamentos, a procurar neurologistas e a sinusite sim aumentou demais [...] (E02)</p> <p>[...] Dor de cabeça e tive um probleminha na cervical [...] (E08)</p>
Uso de álcool/cigarro	<p>Com a pandemia e restrita em casa o uso de álcool socialmente teve uma elevada na minha vida (E08)</p> <p>Eu aumentei a bebida. Bebia muito. E tive compulsão alimentar (E01)</p> <p>[...] quando eu entrei, eu entrei filha da pandemia, e isso me trouxe mais ansiedade ainda porque além de ter que aprender a dinâmica da universidade eu tive que aprender a dinâmica da pandemia [...] Isso me trouxe mais ansiedade ainda [...] então controlar a ansiedade deles e controlar a minha ansiedade foi bem difícil e a questão de como lidar com esse universo, a distância... eu não tinha tido contato, detesto lembrar. Isso é a parte mais sofrida: o silêncio; é um silêncio eterno, é você falando sozinha com o computador e ninguém comentando com você [...] (E02)</p> <p>Eu já usava sertralina, continuei usando e ainda uso. Eu já fazia psicoterapia há anos, continuei fazendo e ainda faço (E06)</p> <p>Faço uso sim. Estou ainda tratando [...] Antes da pandemia não fazia uso [...] Eu já fazia psicólogo antes mas intensifiquei minhas sessões [...] (E08)</p>

	[...] quando eu entrei, eu entrei filha da pandemia, e isso me trouxe mais ansiedade ainda porque além de ter que aprender a dinâmica da universidade eu tive que aprender a dinâmica da pandemia [...] Isso me trouxe mais ansiedade ainda [...] então controlar a ansiedade deles e controlar a minha ansiedade foi bem difícil e a questão de como lidar com esse universo, a distância... eu não tinha tido contato, detesto lembrar. Isso é a parte mais sofrida: o silêncio; é um silêncio eterno, é você falando sozinha com o computador e ninguém comentando com você [...] (E02)
Saúde mental docente	<p>Eu já usava sertralina, continuei usando e ainda uso. Eu já fazia psicoterapia há anos, continuei fazendo e ainda faço (E06)</p> <p>Faço uso sim. Estou ainda tratando [...] Antes da pandemia não fazia uso [...] Eu já fazia psicólogo antes mas intensifiquei minhas sessões [...] (E08)</p> <p>Não tomo remédio pra nada, tomo (marca do analgésico) e só [...] (E03)</p> <p>Tomava (marca do analgésico) [...] as vezes usava por ficar muito tempo na frente do computador, mas eu senti mais foi cansaço, sabe um cansaço físico? [...] (E04)</p>

Quadro 3. Categoria: Lazer/Sono

Subcategoria	Depoimentos
Atividade física e lazer	<p>Eu fazia, mas continuei fazendo, mas depois tive que parar pela questão de fechamento de turma né, e aí com essa parada me prejudiquei muito minha saúde mental, eu também tive um adocimento mental aí que eu tive que procurar psiquiatra, psicólogo, e tomar medicamento e todos os dois sempre me falavam, você precisa ajudar seu medicamento a fazer efeito, volta pra atividade física, então na primeira brechinha que deu pra voltar, eu voltei e aí hoje eu entendo né, a importância disso pra minha vida, não paro mais, independentemente de qualquer pandemia que aparecer [...] (E02)</p> <p>Parei, na verdade eu já não fazia nada (E04)</p> <p>Durante a pandemia, eu fiquei um ano e meio sem fazer nada, eu fazia pilates, eu pedalava, parei com tudo durante a pandemia, os primeiros um ano e meio da pandemia (E01)</p> <p>Antes da pandemia tinha perdido 30 quilos [...] porque eu estava diabética e hipertensa, e aí eu havia emagrecido, então eu não podia parar com a atividade física, porque senão eu ia ganhar né, ter um ganho de peso. Então eu fazia academia nos dias que eu não estava de plantão, duas horas a mais a noite [...] então eu não deixei até hoje [...] eu paguei um personal e ele vinha na minha casa, é porque eu sei de várias academias que abriram [...] eu fiquei com muito medo de ir pra academia [...] mas eu fazia em casa e na pracinha que tem próximo a minha casa (E08)</p>
Sono	<p>[...] foi um pouquinho mais de desorganização na saúde mental, aí eu fiquei com a indução de sono, usando antidepressivo/ansiolítico, aí o do sono foi mais ou menos um ano e meio e eu consegui tirar, continuo com [nome do medicamento] pro controle de ansiedade e depressão [...] (E02)</p> <p>Não alterei medicamento, tomava (marca do analgésico), acho que (marca do analgésico) as vezes usava de ficar muito na frente do computador sim, mas eu senti mais foi cansaço físico. Mesmo com muita coisa pra fazer, mas não tive questão de sono [...] (E04)</p> <p>Problema pra dormi? Eu sempre tive, não foi por causa da pandemia não, mas eu sempre tive [...] (E03)</p>